# DE LISBOA A MOÇAMBIQUE

# DE

# LISBOA A MOÇAMBIQUE

## CARTAS

A

## M. M. DE BRITO FERNANDES

SOBRE UMA VIAGEM Á COSTA ORIENTAL D'AFRICA

POR


**ALFREDO BRANDÃO CRÓ DE CASTRO FERRERI**

Governador de Sofala,
socio da Sociedade de Geographia de Lisboa e da Associação
d'Escriptores e Artistas Hespanhoes
de Madrid


LISBOA
TYPOGRAPHIA MATTOS MOREIRA
*15, Praça dos Restauradores, 16*
1884

# INTRODUCÇÃO

MEU CARO AMIGO:

Ao embarcar pela quarta vez para o ultramar, tinha um vago pressentimento de que não voltaria a Portugal, e foi por esse motivo, que mais do que nunca me custou a deixar o patrio torrão. Ao dar-te o abraço de despedida estava convencido de que era o ultimo que recebias do teu velho amigo.

Durante a viagem fui tomando notas dos pontos onde o vapor se demorava, no intuito de converter esses apontamentos em cartas.

Effectivamente algumas te escrevi, e d'essas creio que apenas uma ou duas chegaram ás tuas mãos. As outras nunca as recebestes.—Uma tive a certeza que chegou ao teu poder, porque vi parte d'ella publicada no nosso *Exercito Portuguez*. Era a que tratava da organisação militar de Zanzibar.

Se tive pena que algumas d'essas cartas se extraviassem, porque podia esse facto d'algum modo ser interpretado, ou por falta d'amizade ou por esquecimento; por outro lado estimei, porque me deu lugar a que na volta pelos mesmos pontos, eu podesse corrigir e ampliar os apontamentos que tomara na ida para Moçambique.

Ao colligir agora todas essas recordações de viagem, que não tenho a pretenção de julgar completas, mas que certamente estão mais desenvolvidas do que nas cartas primeiras que escrevi, e ao publical-as, tenho unicamente por fim dar-te um testemunho sincero da minha bem sentida gratidão e amizade.

Não é valiosa a offerta, porque o trabalho é modesto e pobre, tendo unicamente o merito de ser verdadeiro o que adiante se lê, mas tu decerto te recordas do ditado — quem dá o que tem.... e é fiado n'este antigo proverbio que espero da tua benevolencia a desculpa para a offerta.

Entendi dever publicar estas recordações em forma de cartas, porque assim julgo reparar a perda que primeiro soffri com o extravio das que te fui escrevendo de bordo.

Encontrarás decerto em muitas d'ellas uma differença de linguagem extraordinaria, mas essa variedade comprehendes tu facilmente quando te lembra-

res que ella representa o estado do meu espirito no momento de as escrever.

Algumas referencias encontrarás, que estão em desharmonia com as datas das cartas; essas significam apontamentos colhidos no meu regresso á patria, que preferi intercalar nas cartas a encher cada pagina com profusas notas.

Lisboa—Setembro de 1884.

FERRERI.

# AO LEITOR

Uma vez achei-me no mar Vermelho. A solidão era immensa e augusta. Dir-se-hia o mar Morto. Lá ao longe entreapparecia o monte Sinay. O viajante, transportado pela phantasia a remotas épocas, evocaria, por sem duvida, a ingente figura de Moysés, quando este, extendendo o braço sobre as aguas, as forçou a abrirem-lhe passagem; e rememoraria, por certo, o mais inspirado cantico da poesia biblica, o cantico do mar Vermelho: «Cantemos ao Senhor, porque se ergueu em todo o seu poder, precipitando nas aguas cavallo e cavalleiro.»

O vapor, que me conduzia, navegava sereno; a aragem era branda e de feição, e, fóra do navio, só se ouvia a roçadura da prôa nas ondas oscillantes e coroadas de alva espuma. Do alto do castello de pôpa

descobria-se a movel paizagem affogueada por vivido sol — de um lado, montes escalvados e denegridos; do outro, planicies adustas e apenas cobertas de sarças e de arbustos enfezados. Tudo convidava á melancholia.

Ao fim da navegação do mar Vermelho avistei Aden. E n'este rochedo, em que ao presente, está intrincheirado a Inglaterra, vislumbra ainda o nome portuguez. Quem hade passar por junto d'elle sem recordar as velhas glorias da patria portugueza. Acode á mente o vulto epico de Affonso de Albuquerque. Commemoram se os seus assombrosos feitos: O que é Aden? O auctor do presente livro vol-o dirá, assim como vos descreverá outros portos e cidades orientaes, aonde a sua bôa fortuna o levou, e aonde eu não o posso acompanhar com as minhas fugitivas impressões de viagem, porque do Oriente pouco pude ajuizar pelos meus olhos.

«Hoje procura-se o Oriente e encontra-se a Europa.» É o auctor quem o diz. De feito a civilisação europêa invadiu tudo, e os inglezes levam o genio britannico aos recantos mais inhospitos do globo. Actualmente uma cidade oriental é um mixto de barbarie e de civilisação, uma amalgama de Asia, de Africa e d'Europa. Alli encontram-se todas as architecturas, ouvem-se todas as linguas e vêem-se todos os trajos. As samarras pretas dos judeus cruzam-se

com os bornous brancos dos arabes, o paletot *mackintosh* dos inglezes passeia ao lado da cambaia amarella dos *parses* — juntam-se o extremo occidente e o extremo oriente.

Tudo isto, leitor, vos diz o presente livro, e n'um estylo de molde a deixar-se ler, isto é, n'uma linguagem a um tempo simples, fluente e correcta. Se o lerdes, porventura completareis, n'um ou n'outro ponto, a vossa noção verdadeira ácerca das cousas do Oriente.

E eu, que não vim aqui fazer a critica da obra, mas sim acompanhar o livro do meu amigo com a modesta nota da amisade, termino este rapido proémio, rogando-vos, leitor, que sejaes tão indulgente com o auctor, quanto elle é despretencioso no seu escripto.

Lisboa 21 de outubro de 1884.

CELESTINO DE SOUSA.

# I

Bordo do *Goa*, 4 de novembro de 1880.

MEU CARO AMIGO.

Ás tres horas da tarde do dia 3 de novembro de 1880, embarquei a bordo do *Goa* da companhia British India com destino a Moçambique.

N'um só adeus despedi-me da patria e da familia, e n'elle foi parte da minha alma porque não julgava tornar a vêl-as.

Só quem tem deixado familia e patria é que póde imaginar a profunda tristeza que se apoderou do meu espirito ao abandonar tudo o que me era caro, e ao avistar apenas a immensidade do oceano deixando-me ver o passado como em um sonho, o presente triste e o futuro cheio das mais negras cores.

Não se discriminam na vida ordinaria os laços que nos unem a esse conjunto de cousas que se

chama patria até ao dia em que se piza o convez de um navio; a costa foge-nos, ouvem-se já muito ao longe e quasi indistinctos os poeticos sons dos campanarios tristes como o toque d'Ave-Maria, e, como dizendo o ultimo adeus, divisa-se uma bandeira sobre alguma das torres do Tejo, e n'esse momento o quer que seja de pungente nos sóbe do coração aos olhos e nos obriga a buscar a soledade do camarote.

Patria! A familia, a sepultura de nossos paes, o ar que respiramos, o campo que nos sorri, o ceu que nos encanta, a ave dos nossos bosques, aquelle amigo tão franco e tão bom, aquella mulher tão formosa e tão meiga... Eis aqui a patria.

As crenças religiosas, as harmonias dà lingua, as canções do povo, a eloquencia dos oradores, os artistas com quem sentimos, os philosophos com quem pensamos, os poetas com quem sonhamos, as leis que nos protegem, a bandeira que fluctua nas torres e castello, o canhão que nos falla grave e nobremente... Eis aqui tambem a patria. Arvore immensa que tem as suas raizes no lar domestico, que cresce, estende e agiganta-se para dar sombra a uma sociedade!!

Todas estas imagens, como n'um immenso estereoscopio passaram por diante de mim no momento de partir; tinham o aspecto triste e o rosto pallido como os phantasmas da meia noite, mas não se desvane-

ciam na minha mente como outras mais reaes se tinham desvanecido e recebiam o meu derradeiro adeus com um sorriso velado pelas lagrimas.

Tudo isso ficou além.

Em um pequeno bote que se afastava do vapor, alguns lenços brancos como gaivotas que fugiam, saudavam-me pela ultima vez. Uma hora depois largavamos fóra da barra o piloto e em pouco tempo um denso nevoeiro occultava-me a terra.

Quando em torno de mim só avistei a immensidade do oceano, desci ao camarote e procurei no isolamento o lenitivo para as saudades e para a dor que me torturavam.

## II

Bordo do *Goa*, 5 de novembro de 1880.

Meu Brito.

O *Goa*, como quasi todos os vapores da *British India* da linha Londres, Kurrachee e Bombaim é um barco de tres mastros, de 1:906 toneladas e da força de 220 cavallos. Mais navio de carga do que paquete, o seu andamento é vagaroso, sendo a media de 8 a 8 $^1/_2$ milhas por hora.

Possue a companhia uma esquadra de 62 vapores, sendo os melhores os que fazem a carreira para a Australia. Apezar do que deixo exposto o *Goa* trazia bastantes passageiros de Londres e em Lisboa recebeu onze todos empregados do estado, que em consequencia do contracto feito entre o governo e a

empreza, são obrigados a seguirem viagem n'estes vapores[1].

Os passageiros portuguezes eram o dr. Joaquim d'Almeida da Cunha, secretario geral do governo de Moçambique, e sua esposa; Adolpho Castro Netto de Vasconcellos, official maior da secretaria do governo geral; dr. Fonseca, facultativo de 2.ª classe; Moreira, pharmaceutico, e sua mãe; capitão Fonseca e esposa; Ribeiro, escrivão do juiz de direito, e sua esposa; e eu que ia exercer uma commissão de serviço em Angoche.

A pequena colonia portugueza constituio pouco depois da sahida de Lisboa uma familia. Os laços d'amizade estabeleceram-se de tal fórma que dias depois pareciamos antigos conhecidos.

O tratamento a bordo é simplesmente detestavel e apesar das repetidas queixas dos passageiros a orgulhosa direcção da companhia não faz caso algum das reclamações, e a má alimentação continua a ser o thema das conversações.

A companhia *British India* concede o forneci-

---

[1] Depois de escriptas estas cartas terminou o contracto com a *British India* e no concurso que depois se abriu, foi concedido o subsidio á companhia *Castle Mail*, que, tocando em Lisboa, segue directamente para o Cabo da Boa Esperança, onde ha trasbordo para um vapor mais pequeno que segue pela costa, tocando nos portos inglezes e nos portuguezes da provincia de Moçambique, chegando até Zanzibar.

mento da comida a um arrematante, o qual se obriga por uns tantos schillings a dar almoço, jantar e lunch aos passageiros e officiaes. O fornecedor tambem dá tres vezes por dia chá preto, pela manhã, ás 4 horas da tarde e ás 8 da noite. Como delegado do arrematante vae em cada navio da companhia um despenseiro (steward) que é o encarregado da lista do jantar e do almoço. Da maior ou menor cubiça d'este agente depende o tratamento dos passageiros.

O despenseiro do *Goa* deve em pouco tempo estar riquissimo graças ás economias feitas á custa do estomago dos passageiros. A sua aptidão para o delineamento de um jantar é tão extraordinaria, que nos deu entre outros acepipes os seguintes: sopa de cabeça de vitella com assucar mascavado, e para sobremeza deu-nos uma vez entre outros doces *macarrão á italiana!!!*

A companhia não dá vinho nem cerveja aos passageiros, mas na lista dos vinhos que está sobre a meza vêem-se os de pasto portuguezes e francezes, que custam para cima de dois schillings cada garrafa.

Os camarotes vinham já occupados de Londres á excepção dos tres peiores, e foi n'estes que o despenseiro por ordem do commandante alojou a colonia portugueza.

Não direi mais nada para não te fatigar com a des-

cripção do camarote do banho (bath room), que simultaneamente tem outra applicação, nem descreverei a *amabilidade* dos officiaes d'este navio, que á excepção da do commandante, está acima de todo o elogio.

O dia 4 passou-se sem novidade a bordo.

Ás 11 horas da noite fui despertado por uma infernal gritaria feita pelos marinheiros indios.

Subí apressadamente ao tombadilho e vi passar ao lado do vapor as sinistras velas de um navio.

Perguntei o que tinha succedido e disseram-me que o vapor abalroara com um falucho.

Momentos depois o pequeno barco submergia-se na esteira do vapor, conseguindo-se apenas salvar a tripulação, que se compunha de cinco homens. O falucho era hespanhol; vinha do Guadiana e trazia carga para Cadiz. Os hespanhoes diziam que não comprehendiam a razão porque o vapor se não desviara, visto a noite estar clara e trazerem os pharoes accesos, e além d'isso terem gritado quando viram o vapor ir sobre elles. Os inglezes allegaram nada ter ouvido; que os pharoes estavam trocados e que fora o falucho que de proposito se atravessara na proa do vapor, para receber as indemnisações da companhia, e o seguro do barco.

De que lado estava a razão?

Os tribunaes juizes d'esta questão, que a de-

cidam. O que me pareceu foi pouco sentimento da parte dos marinheiros hespanhoes pela perda dos seus haveres, e ao mesmo tempo estar o mestre bem prevenido com as suas malas no escaler, para quando o falucho se afundou, elle se salvàr com a sua bagagem, a qual não podia de modo algum ser arranjada no curto intervallo que medeiou entre o choque e a submersão.

Este incidente obrigou o commandante a arribar ao primeiro porto para ahi deixar os naufragos. Por um justo patriotismo, o commandante do *Goa* apezar de estar proximo de Cadiz, preferiu ir a Gibraltar.

## III

Bordo do *Goa*, 7 de novembro.

Meu Brito Fernandes.

Na madrugada de 5 fundeavamos em Gibraltar. Este immenso monte erriçado de bocas de fogo tem sido descripto por tantos escriptores, que seria fastidioso repetir o que se encontra em numerosos livros. Entretanto de alguns apontamentos que tenho presentes e de informações colhidas n'outras viagens posso dar-te uma ligeira noticia d'esta chave do Mediterraneo.

Quem chega a Gibraltar, quer venha d'Africa quer d'algum outro ponto, soffre uma desagradavel impressão ao penetrar na cidade.

Sob o formoso ceu da Andaluzia encontra-se a neblina e o fumo do carvão da capital da Grã-Bretanha.

Gibraltar é Londres em miniatura, com as suas casas de tijolo, as vidraças das janellas em forma de guilhotina, com a sua população direita, compassada, mechanica, com os seus soldados vermelhos de saiote curto e perna fina (higlanders), com os seus logistas frisados, com as suas bandas marciaes de gaitas de folles e os seus policias gordos como os nossos antigos frades. Não conheço nada mais ridiculo do que o contraste da pretendida civilisação ingleza com a vida livre do deserto e a vida animada e encantadora da Andaluzia.

As mulheres, sobretudo as inglezas em Gibraltar, produzem a impressão mais dolorosa e ao mesmo tempo a mais inesperada, comparando-as com as suas visinhas andaluzas.

As filhas d'Albion nascidas em Gibraltar soffrem uma notavel transformação n'este ponto da Hespanha occupado pela Inglaterra.

O ceu é inglez, mas o clima é que differe muito do da Grã-Bretanha, e talvez seja esta razão porque essas louras creaturas, essas decantadas virgens d'Ossian, em lugar de nos deixarem estaticos ante a sua vaporosa imagem, deixam-nos perplexos ante os seus enormes water-proof, e os seus compridos e annelados caracoes cobertos por um enorme chapeu.

Não quero dizer n'isto que as inglezas são feias,

nem o podia dizer quem as viu aos milhares formosas como poucas, no Hyde Park em Regentstreet, em Hampton-Court e Richemond.

Quando uma ingleza é bonita... é bonita em toda a extensão da palavra; assim como quando um inglez é delicado não ha n'este mundo ninguem mais encantador nem mais amavel.

Pois bem, Gibraltar como cidade produziu-me o mesmo effeito que as mulheres.

N'uma palavra, quando se entra em Gibraltar parece haver-se chegado a Londres.

Investigando a origem da palavra Gibraltar vacila o meu espirito na escolha da versão mais verdadeira. Parece a uns escriptores que ella deriva de duas palavras arabes *djebel-tarik* (*djebel* montanha e *tarik* nome do general mouro que venceu o ultimo rei godo), segundo outros, de uma palavra igualmente arabe *djebelatâh* que quer dizer (monte d'entrada), outros dizem ainda que de Djebel-el-Teir (monte do passaro).

D'estas tres versões escolhe uma.

Gibraltar completamente recente como construcção, como cidade maritima remonta ao começo da monarchia hespanhola. Fundada pelos mouros, conquistada pelos christãos foi tomada e retomada muitas vezes.

Em 1333 era Gibraltar uma cidade hespanhola,

quando os sarracenos que tinham desembarcado em Algésiras a vieram sitiar.

Era então governador d'esta praça um fidalgo hespanhol D. Vasco Perez de Mayra, que havendo recebido os fundos necessarios para abastecer Gibraltar de armas e viveres, entendeu que as necessidades pessoaes estavam primeiro do que as da patria e guardou para si o dinheiro destinado á defeza e abastecimento da praça, deixando por consequencia vasios os armazens e arsenaes.

Cercado pelos africanos e sendo-lhe impossivel a resistencia, não só pela falta de munições de guerra mas tambem porque a fome começava a cravar as suas terriveis garras nos defensores de Gibraltar, entregou a cidade aos inimigos e refugiou-se em Africa para evitar o justo castigo da sua deslealdade.

D. Affonso sabedor da conducta do seu logar-tenente veio em pessoa cercar Gibraltar; mas o rei de Granada obrigou o exercito christão a levantar o cerco.

Retomada mais tarde pelo exercito hespanhol, Gibraltar embora considerada como um ponto militar muito importante para a Hespanha, nunca a sua defeza fôra seriamente cuidada.

Um escriptor francez relatando o modo porque os inglezes se implantaram em Gibraltar, diz:

«Em 1704 já a Hespanha se achava envolvida «n'essas desgraçadas guerras da successão que de-«viam em pouco tempo devastar aquelle paiz.

«Quando em 1700 Carlos II de Hespanha mor-«reu sem herdeiro, deixou no seu testamento o thro-«no das Hespanhas e Indias ao duque d'Anjou, ne-«to de Luiz XIV.

«— Senhor, disse o grande rei em presença de «toda a côrte áquelle que ia ser Filippe V, o rei de «Hespanha faz-vos rei, os grandes pedem-vos, o «povo acclama-vos e eu consinto. Sêde bom hespa-«nhol, é esse o vosso primeiro dever, mas lembrae-«vos sempre que nascestes francez!

«Depois accrescentou.

«— Meu filho acabaram-se os Pyreneus!

«A noticia de ter sido acceite o testamento de «Carlos II foi recebida com extraordinaria alegria «em Hespanha mas muito mal na Austria.

«Em 1701, quando as nações da Europa se li-«garam contra a França, rebentou a guerra chama-«da da successão.

«Foi durante esta guerra, que durou alguns an-«nos, que a esquadra ingleza obrigou, em 1 de ou-«tubro de 1704, Gibraltar a render-se.»

Assevera o escriptor, a que me refiro, que a guarnição da praça no momento de render-se compu-

nha-se de 90 infantes e 30 cavalleiros commandados por D. Diego de Solinas.

Sendo tres as nações alliadas, Austria, Inglaterra e Portugal, os inglezes, guardando para si a parte do leão, entenderam que deviam arvorar o pavilhão britannico, e assim se apoderaram de Gibraltar, posse que mais tarde o tratado de Utrech confirmou plenamente.

Apenas senhores d'esta chave do estreito, trataram de fortificar Gibraltar de tal modo, que é hoje considerada inexpugnavel,

Os hespanhoes tentaram rehavel-a já por meio das armas, como em 1778, quando a França e a Inglaterra se batiam a proposito da liberdade conquistada pela America, já por vias diplomaticas.

Em setembro de 1782 soffreu Gibraltar um serio bloqueio e um ataque dos mais importantes feitos pelo exercito e armada da França e Hespanha.

O commandante do exercito franco-hespanhol, que se compunha de vinte mil homens, era o duque de Crillon, e o commandante da esquadra hespanhola Ventura Moreno.

Tinham os dois chefes combinado o ataque da praça para o dia 10, aproximando-se n'essa occasião de Gibraltar as celebres baterias fluctuantes do coronel d'artilheria franceza d'Arçon.

Apezar do violento fogo que as baterias fizeram

contra a cidade, uma bala incendiaria, bem dirigida contra a bateria commandada pelo coronel d'Arçon, communicou-lhe o fogo, e este lavrando com extraordinaria rapidez envolveu a bateria proxima. Ventura Moreno vendo-se perdido ordenou que se lançasse fogo ás seis baterias restantes, para que não cahissem no poder dos inglezes, em poucas horas d'essas famosas machinas de guerra nada existia, e a esquadra retirando deixava Gibraltar tranquilla. Perdida essa occasião, nunca mais se tentou rehaver Gibraltar, e é provavel que permaneça por muito tempo nas mãos dos inglezes, a não ser que negociações diplomaticas consigam o que a força das armas não poude ainda obter.

A população de Gibraltar orça entre 18 a 20:000 habitantes, além da guarnição militar que em tempos normaes é de 6:000 homens.

Este rochedo está hoje fortificado com um luxo e uma abundancia de canhões realmente admiravel o que pódes imaginar pela seguinte descripção feita pelo sr. Navarrete no seu livro *Las llaves del Estrécho:*

«Gibraltar tem tres ordens de fortificações que «circumdam o morro desde a extremidade norte até «chegar aos precipicios de éste, que defendem intei-«ramente o accesso ás alturas. Estas fortificações

«com casamatas e bastiões com mais 800 plata-
«formas para artilheria, cruzam os seus fogos, do-
«minando a costa hespanhola e a bahia.

«As fortificações inferiores unem-se ás do monte
«por meio de cortinas perpendiculares que servem
«de travezes, as baterias do monte estão escalonadas,
«a descoberto umas e outras collocadas em escavações
«na rocha. Estas ultimas, denominadas *The galle-
«ries*, estendem-se para o noroeste e dirigem ao terri-
«torio hespanhol as boladas das peças que assomam
«ás canhoneiras, abertas na rocha á força de dinhei-
«ro e de trabalho.

«A distribuição das galerias é de tres ordens, que
«communicam entre si por caminhos cobertos e ram-
«pas, com praças d'armas, armazens, depositos de
«agua, escadas, ventiladores, etc., tudo com nume-
«ros e indicações, de modo que seja possivel o ser-
«viço n'um tal labyrintho. As baterias chamadas do
«*Principe, da Rainha e de Willis*, em fórma de am-
«phitheatro, enfiam o eixo do isthmo, o caes velho
«e a praia hespanhola de Poniente.

«Sobre o cómoro mais alto do monte, na parte
«N. está a bateria *Black Mouth* (bocca negra).

«D'este ponto para o centro da montanha parte
«um caminho aberto na rocha, praticavel mesmo
«para carruagens, communicando com uma bateria,
«que serve para regular as horas de abrir e fechar

«as portas da praça. Grande e extenso é o hori-
«sonte d'esta bateria, que descobre parte do estrei-
«to, ainda além dos recifes de Ponta Carnero.

«A approximação pelo isthmo está defendida pe-
«las galerias e por uma triplice linha de canhões,
«como já dissémos, e pelos baluartes denominados
«de Montagne e por outros bastiões sobre o caes
«velho e sobre a meia laranja, que forma a costa
«hespanhola na sua juncção com a praça.

«O isthmo está guarnecido com minas que salta-
«riam ao primeiro ataque, e em tal caso a lagoa que
«está ao lado das galerias, juntaria as suas aguas
«com as do mar, desapparecendo toda a commu-
«nicação terrestre.»

Com respeito ao artilhamento da praça e tratando apenas das bocas de fogo de maior calibre, ainda encontro no livro do sr. Navarrete os seguintes curiosos dados:

No baluarte Montagne—3 peças de 18 toneladas e 10 pollegadas.

No baluarte Orange—2 peças de 18 tonelladas.

No baluarte do Rei—4 peças de 18 toneladas 1 de 38 toneladas e 12 1/2 pollegadas.

No baluarte do Sul—3 peças de 18 toneladas.

No baluarte Victoria—2 peças de 18 toneladas.

No baluarte do caes novo—4 peças de 12 toneladas e 9 pollegadas.

Na bateria Alexandra — 1 peça de 38 toneladas e 12 ½ pollegadas.

Na bateria Principe-Alberto — 1 peça de 38 toneladas e 12 ½ pollegadas.

Na bateria dos engenheiros—1 de 18 toneladas.

Na bateria Rosia — 3 de 18 toneladas.

Na frente Wellington — 1 de 38 toneladas e 12 ½ pollegadas.

Total — de 12 toneladas e 9 pollegadas — 4.

Total—de 18 toneladas e 10 pollegadas—18

Total—de 38 toneladas e 12 ½ pollegadas—4.

Muito breve serão collocadas peças de cem tonelladas que se julgam ainda precisas para a defeza da praça.

O serviço de guarnição é feito como em tempo de guerra. Não é permittida a entrada d'armas de fogo, mas em compensação encontram-se logo na rua Real (Main street) muitas carabinas e rewolvers á venda. Ninguem pode habitar Gibraltar sem dar um fiador que responda por elle ante a policia de sua graciosa magestade.

Não contentes os inglezes em terem perfurado esse enorme monte em todas as direcções e sentidos e não se ver para qualquer lado que se olhe senão a boca de sinistros canhões, construiram ainda bate-

rias rasas com peças de grosso calibre, cuja efficacia me parece muito mais seria do que a das outras dispostas a capricho no interior das galerias.

Gibraltar tem uma bonita rua—a *rua real*—com bons estabelecimentos, tem alguns hoteis soffriveis sendo na sua maioria inglezes e um hespanhol—*Fonda española.*

A população apresenta um aspecto pitoresco pela variedade dos vestuarios. Inglezes, escocezes, mouros, andaluzes, judeus, marroquinos e argelinos, encontram-se a cada passo ostentando os seus trajes garridos e variados.

O capitão do *Goa* arribou a Gibraltar porque sendo este porto inglez presumia ser-lhe mais facil a justificação do abalroamento, mas apezar de patricio a justiça ingleza depois do seu depoimento obrigou-o, segundo me disseram, a depositar uns seis contos de réis para indemnisar o capitão do falucho da perda do barco e da carga, se no tribunal se provasse ser a culpa do capitão do *Goa* e não do hespanhol.

Ás duas horas da tarde voltou o commandante para bordo do *Goa* e levantando ferro fez-se ao mar com destino a Argel.

## IV

Bordo do *Goa*, 10 de novembro.

MEU CARO BRITO.

No dia 6 á noite fundeavamos em frente d'Argel e na madrugada seguinte pízava essa ardente terra d'Africa onde outr'ora se levantou Icosium, mais tarde denominada pelos arabes El-Djezair e modernamente Alger pelos francezes.

Estava na patria d'esses temiveis piratas, terror do Mediterraneo no seculo XVI, hoje transformada pela vara magica d'uma fada n'uma formosa cidade.

Argel não é só uma formosa cidade, é mais do que isso é uma cidade extraordinaria. Em poder dos francezes ha pouco mais de cincoenta annos a parte proxima do mar apresenta a regularidade e a belleza das modernas construcções europêas, emquanto a parte da cidade que se estende pelo aspero declive

da montanha cheia de pequenas, estreitas e infectas ruas apresenta-me a cidade mourisca.

Ao desembarcar encontro em primeiro lugar um magnifico caes limitado ao fundo e n'uma grande extensão por uma muralha na qual estão cavadas muitas lojas, armazens e escriptorios d'agencias de vapores. Largas escadarias e suaves rampas dão accesso a um *boulevard* denominado outr'ora, *boulevard de l'Impératrice,* porque foi a imperatriz Eugenia, mulher de Napoleão III que lançou a primeira pedra em 19 de setembro de 1860, e que tomou depois o nome de *boulevard de la République*, nome que ainda hoje conserva.

É este *boulevard* o ponto de reunião dos ociosos que vão disfructar o explendido panorama do porto, e os que vão esperar a chegada dos vapores.

A população d'Argel era segundo a estatistica de 1876 de 52,708 habitantes dos quaes 18,216 francezes; 16,381 estrangeiros; 7,098 judeus e 11,013 mussulmanos.

É de crer que as ultimas estatisticas accusem um augmento notavel na sua população, mas não possuindo dados mais exactos refiro-me áquelles que de passagem poude obter.

Argel tem dez praças sendo a principal a do governo, *place du Gouvernement*, onde se vê a estatua equestre do duque d'Orleans descendente d'esse

principe democrata conhecido pelo nome de Filippe Egualdade, que cubiçando o throno da França não vacillou em ligar o seu nome a essa nodoa que pesa sobre a historia d'aquelle paiz, votando a morte do infeliz Luiz XVI e tendo como recompensa da sua fraqueza e traição a prisão e o cadafalso. A estatua levantada por subscripção publica em 28 d'outubro de 1845 é devida ao cinzel de Marochetti. Uma das faces d'esta praça é constituida pela mesquita Djama Djedid, a que os francezes dão o nome de *mosquée de la Pêcherie.* Alguns edificios particulares como o caffé d'Apollo, hotel da Regencia e outros constituem as restantes faces d'esta praça onde vão desembocar as principaes ruas da cidade.

As praças Mahon, Malakoff, Chartres, Bresson, Isly, de la Lyre, Randon, Victoire e Bab-el-Oued são outros tantos pontos de reunião. Os *boulevards* da Republica, da Victoria, rua de Bab-Azzoum e rua da Marinha são os locaes mais concorridos da cidade moderna.

O que é verdadeiramente notavel em Argel é a transição repentina que se experimenta ao voltar a esquina de uma rua e encontrarmo-nos subitamente no meio de uma população distincta.

Deixamos uma rua da Europa e entramos n'um bairro oriental, isto é, em ruas estreitas, sombrias com edificios irregulares de pequenissimas frestas;

n'algumas casas, que teem janellas, são estas tão salientes que quasi se unem com as fronteiras. Junte-se a isto umas baiúcas pobres e escuras, onde mouros vendem fructos, babuchas, cachimbos, bournús, coraes, etc., e, completando este quadro um fetido insupportavel, ter-se-ha uma ideia approximada da cidade antiga.

Se a differença das edificações surprehende o viajante, não é menor o contraste que causa a variedade dos vestuarios. Desde o rigido frak e sobrecasaca européa até ao bournús arabe, desde o chapeu alto até ao turbante de variadas cores, tudo isto se cruza nas principaes ruas, parecendo que em Argel o carnaval dura tresentos e sessenta e cinco dias.

Argel tem um theatro regular denominado theatro d'Argel que comporta 1:534 lugares, isto é, recebe mais espectadores que o nosso theatro de S. Carlos. Este theatro está situado na praça Bresson, e se em certa epoca do anno tem companhia lyrica no resto do anno é um simples theatro de declamação.

Tem um bom caffé concerto, chamado *de la Perle* no *boulevard* da Republica, e um outro theatro no *faubourg* Bab-el-Oued chamado theatro Malakoff.

Os preços no theatro d'Argel quer seja no inverno durante as representações da companhia lyrica,

quer no restante do anno com as companhias de declamação, são os seguintes:

Frisas 5$400 réis; camarotes grandes de balcão com 6 entradas 3$920 réis; camarotes pequenos de balcão com 4 entradas 2$590 réis; camarotes de 1.ª ordem com 6 entradas 2590 réis; camarotes pequenos de 1.ª ordem com 4 entradas 1$700 réis; camarotes de 2.ª ordem 1$300 réis; cadeiras d'orchestra 600 réis; superior 540 réis; cadeira de balcão 600 réis, cadeira de 1.ª galeria 360 réis, amphitheatro 200 réis.

Este theatro é subsidiado pelo governo.

Tem Argel um vasto campo de corridas, bons hoteis e excellentes restaurants. A vida é barata e o clima temperado, sendo esta cidade muito procurada no inverno, sobre tudo por inglezes que affectados de doenças de peito procuram n'um clima suave o prolongamento da vida, que a neblina e os frios da Grã-Bretanha de certo abreviariam.

Na cidade ha algumas passagens (ruas cobertas e envidraçadas) que não são mais que estreitos corredores onde os judeus e mouros vendem armas e outros productos da industria nacional.

Quatro igrejas catholicas possue esta cidade: a igreja de S. Filippe, hoje cathedral, a igreja de Nossa Senhora das Victorias, a igreja de Santa Cruz e a de Santo Agostinho.

As tres primeiras foram outr'ora mesquitas, hoje transformadas em templos christãos nada offerecem de notavel nem como architectura nem como decorações internas.

A igreja de Santo Agostinho, que substituiu uma capella do mesmo nome, tem no seu interior uma explendida collecção de columnas monolitas de cinco metros d'altura, de marmore branco d'Italia, que dividem o interior da igreja em tres espaçosas naves.

Começada em 1876 e concluida em 1878, é certamente esta igreja a que melhor corresponde ao seu fim.

A mesquita, cujo interior se assemelha na disposição das suas tres naves ás igrejas catholicas, tem como unico ornamento uma alta platafórma de madeira do oriente e á direita da porta d'entrada uma pequena fonte. O chão está encerado. Os mahometanos quando entram no templo descalçam as babuchas, lavam-se na fonte e em seguida dirigem-se para junto da platafórma onde fazem as suas orações. O aspecto da mesquita, quando os sectarios do Islam estão orando, incute muito mais respeito que o das igrejas catholicas de Lisboa. Á parte a differença de religiões é inquestionavel que os mahometanos são mais fervorosos, mais respeitadores do seu culto do que nós. Ali é um templo de oração e res-

peito, na igreja catholica nem sempre se divisa a veneração que se nota na mesquita.

O mahometano ajoelha, cruza os braços sobre o peito e depois d'alguns minutos d'oração, prostra-se e beija o chão, repetindo esta cerimonia varias vezes.

A synagoga embora de pequenissimas proporções, por isso que apenas se compõe de uma unica salla, onde os israelitas se reunem aos sabbados para ouvirem a leitura da lei de Moysés feita pelo rabbino, é mais bonita do que a mesquita e do que o templo christão.

A bibliotheca publica d'Argel installada na casa de Mustapha-Pachá na rua do Estado-Maior foi inaugurada em 1835 constituindo-se definitivamente em 1838.

Ao principio os seus primeiros livros foram obtidos por meio de dadivas feitas pelos differentes ministerios. Hoje já pode fazer acquisição de algumas obras, graças ao pequeno subsidio que o governo dá, não só para este fim mas tambem para pagamento ao bibliothecario e mais pessoal.

A subvenção concedida pelo governo não excede ainda assim dez mil francos.

Com quanto esteja ainda muito longe de se comparar com as magnificas bibliothecas que a França possue, apezar d'isso conta já vinte e cinco mil volumes.

Possue esta bibliotheca bastantes manuscriptos arabes, alguns de muito valor, sendo estes muito procurados pelos estudiosos.

O museu inaugurado na mesma epoca da bibliotheca e franqueado ao publico como aquelle estabelecimento todos os dias não sanctificados do meio dia ás cinco horas, tem-se desenvolvido mais rapidamente do que a bibliotheca.

Fundado com o duplo fim de reunir e conservar objectos d'arte antiga, dispersos pela Argelia, e bem assim todos os documentos precisos para se investigarem as questões scientificas e historicas relativas a este paiz, o museu possue já collecções valiosas.

Uma das mais completas é a das medalhas onde se vê o dinheiro que tem corrido no paiz desde as mais remotas eras do dominio arabe.

Quanto a edificios tem esta cidade como um dos mais notaveis o palacio do governador, d'architectura mozarabe e que é pelas suas magnificas decorações, pelo luxo da sua mobilia e pelos seus excellentes aposentos uma habitação opulenta e digna da primeira auctoridade. Outro edificio não menos notavel, embora de construcção moderna é a casa do correio.

Quando a França se assenhoreou definitivamente da Argelia, havia n'esta cidade sete quarteis ou casernas denominadas — 1.ª *Dar-Yenkcheria-m'ta-*

*Bab-Azzoum*—2.ª *M'ta-el-Karratin*—3.ª *M'ta-el-Khoddarin-Kedima*—4.ª *M'ta-el-Khoddarin-Djedida*—5.ª *Sta-Moussa*—6.ª *M'ta-Deroudj*—7.ª *M'ta-el-Makaroun.* Os melhoramentos introduzidos na cidade pelos francezes fizeram desapparecer muitos edificios, e assim como de 166 mesquitas, que então havia, apenas existem hoje 21, assim dos sete quarteis edificados pelos arabes, só restam tres e d'estes só um propriamente existe como quartel, os outros dois foram transformados em Academia militar.

Os francezes porém edificaram novos quarteis obedecendo a todos os preceitos da hygiene, sendo um dos melhores o quartel de Bab-el-Oued.

Ha varios estabelecimentos de beneficencia e sociedades destinadas ao mesmo fim, cuja direcção, na sua maioria é confiada ás irmãs da caridade.

Na cidade ha uma sociedade de Bellas Artes cujos salões estão estabelecidos na rua do *mercado de Isly*. Esta sociedade fundada em 3 de março de 1871, divide-se em 3 secções: desenho, muzica e sciencias. Conta mais de quinhentos membros na sua maioria residentes na provincia.

Argel está situada em 36°47′ de latitude norte e 0°,41 long. est. sobre a costa septentrional d'Africa.

A dominação arabe sob as ordens de um chefe, que se denominava o dey data de 1515 (921 da hegira) epoca em que Selim-Bem-Teumi emir d'Ar-

gel cansado das arbitrariedades commettidas pelos hespanhoes então senhores da provincia, chamou em seu auxilio o corsario Aroudj; este apodera-se de Cherchel depois d'Argel, liberta o paiz do jugo hespanhol e depois de mandar assassinar Selim proclama-se dey ou pachá. O seu reinado durou apenas tres annos de 1515 a 1518. Desde esse anno até 1830, data da occupação francesa governaram Argel 73 pachás-deys sendo o ultimo Husseïn-ben-Hassen, que entregou a cidade aos francezes em 5 de julho de 1830.

A Argelia tem sido para a França uma escola de guerra, onde illustraram seus nomes os Mac-Mahons, Canroberts, Leboeufs, e tantos outros nomes hoje esquecidos depois dos desastres de 1870.

Os passageiros portuguezes que tinham ido a terra acharam-se reunidos n'um dos jardins d'Argel e deliberaram almoçar na cidade.

Procurámos um *restaurant* onde nos foi servido um excellente almoço pela modica quantia de tres francos.

Antes de partir d'Argel devo mencionar os bons serviços que me prestou um velho mouro chamado Cadur que foi o meu guia, mas um guia honrado e digno de especial recommendação para os portuguezes que vizitarem Argel. É empregado na agencia da companhia British India e um dos primeiros perso-

nagens que apparece a bordo apenas o vapor fundeia.

Ás 4 horas da tarde dizia adeus a Argel e voltava para bordo do *Goa* onde pouco depois um silvo agudo indicava a partida do vapor. Um silvo em terra respondeu ao do vapor parecendo o echo. Era a locomotora do caminho de ferro d'Oran, que deslizava pelos rails, emquanto o vapor cortava com a sua proa as aguas do porto e se dirigia a Port-Said.

## IV

Bordo do *Gôa*, 19 de novembro de 1880.

MEU PREZADO BRITO

Ao chegar a bordo notei grande movimento no vapor. Bagagens amontoavam-se junto da amurada o que mostrava claramente a entrada de novos passageiros. Quando o vapor deu o signal de partida e se repetiram as scenas de despedida, que são usuaes, vi que tinha por companheiros de viagem uns individuos trajando á moda arabe, isto é, com amplos *bournús* brancos e na cabeça o enorme *fez* turco. Seriam arabes? seriam exploradores? Eram estas as perguntas que uns aos outros faziamos, tal fôra a curiosidade que elles tinham despertado nos passageiros portuguezes.

Depois de jantar, e quando a tranquillidade se tinha novamente restabelecido a bordo, acerquei-me

## IV

Bordo do *Gôa*, 19 de novembro de 1880.

Meu prezado Brito

Ao chegar a bordo notei grande movimento no vapor. Bagagens amontoavam-se junto da amurada o que mostrava claramente a entrada de novos passageiros. Quando o vapor deu o signal de partida e se repetiram as scenas de despedida, que são usuaes, vi que tinha por companheiros de viagem uns individuos trajando á moda arabe, isto é, com amplos *bournús* brancos e na cabeça o enorme *fez* turco. Seriam arabes? seriam exploradores? Eram estas as perguntas que uns aos outros faziamos, tal fôra a curiosidade que elles tinham despertado nos passageiros portuguezes.

Depois de jantar, e quando a tranquillidade se tinha novamente restabelecido a bordo, acerquei-me

d'elles e ouvi fallar o francez com o acento dos verdadeiros parisienses.

Pouco tempo depois sabia que eram missionarios de N. Sr.ª d'Africa, que se dirigiam a Zanzibar onde deviam organisar a caravana que os levaria proximo do Nianza, local escolhido para o estabelecimento da sua missão.

Os sete dias que levámos de Argel a Port-Said foram de uma monotonia aterradora; o que se fazia hoje, repetia-se nos dias immediatos.

Era natural que os portuguezes e francezes se approximassem, era a mesma raça entre os altivos saxonios, e ligados além d'isso pela idéa de que cada hora que navegavamos, eram umas tantas milhas, que punhamos de permeio entre nós e a patria.

No segundo dia de viagem os missionarios francezes e os passageiros portuguezes formavam um grupo distincto.

Entre os sete missionarios, o que mais depressa captou a nossa sympathia foi o padre Menard, o mais novo d'elles, cuja physionomia franca e jovial nos fazia admirar a sua dedicação por uma vida de perigos, sacrificios e desinteresse. O padre Menard com o seu traje arabe, com a sua longa barba e o farto bigode, poderia passar por tudo menos por padre.

Estes missionarios são, a meu ver, os verdadeiros

exploradores. Não atravessam rapidamente o continente negro, as suas descripções não são feitas ao correr da penna, nem baseadas em informações mais ou menos exactas, são trabalhos conscienciosos e verdadeiros, fundados em muitos annos d'estudo e observação por muitos pontos desconhecidos do interior d'Africa.

Os relatorios e as communicações d'estes missionarios são de grande utilidade para a sociedade de geographia de Paris.

Esta missão compunha-se: de um padre chefe e seis missionarios. Cada um d'estes havia estudado uma especialidade sobre a qual tinha de fazer o seu relatorio.

Um dedicou-se ao estudo da medicina e pharmacia, é elle que cuidará dos seus companheiros quando as doenças do paiz proste algum dos valentes soldados do progresso e civilisação africana, é elle quem manipulará os medicamentos.

Outro dedicou-se á botanica, outro á zoologia, outro á geologia, outro é encarregado dos estudos meteorologicos, outro finalmente, é encarregado da redacção dos relatorios — é o litterato. Esta commissão foi dada a Menard.

Incumbido dos trabalhos de organisação da caravana, e da installação da missão ia um abbade chamado Guillot.

Este bravo abbade merece uma especial menção. Homem baixo mas de fórmas alleticas, mostrava nos seus movimentos e na sua physionomia viril uma energia e desembaraço taes, que, ao vêl-o, julgava-se estar na presença d'um d'esses militares valentes, que nos campos de batalha tantas vezes arriscaram a vida. Ao contemplal-o procura-se vêr na sua batina a fita encarnada da Legião de Honra. Guillot devia ter nascido um seculo mais cedo, para não estar deslocado como agora está no meio da sociedade actual. Como abbade do tempo de Luiz XIII estava bem. Teria tido por amante alguma duqueza de Chevreuse, e algumas dezenas de duellos. Hoje a sua actividade emprega-se em trabalhos de não somenos valor.

Guillot encarregado como já disse de acompanhar os missionarios, era elle o incumbido de arranjar em Zanzibar os carregadores e a escolta que devia acompanhar os padres ao seu posto. Concluida a installação voltava novamente a Zanzibar e d'ali regressava a França. Com esta era a terceira vez que ia ao interior d'Africa acompanhar missionarios. Agora duas palavras sobre a organisação d'estas missões.

A organisação dos missionarios de N. S.ª d'Africa d'Argel, conhecidos tambem pelo nome de padres brancos, data de 1867.

Deve-se esta piedosa idéa ao arcebispo d'Argel mr. de Lavigerie, o qual durante a terrivel fome, que assolou a Argelia n'esse anno, recolheu uma quantidade immensa de creanças, calculada approximadamente em duas mil.

Este digno prelado não podendo soccorrer por sua parte um tão avultado numero de creanças famintas, distribuio-as pelas principaes pessoas da cidade e institutos de beneficencia, afim de lhes valer, e n'esse momento comprehendeu a necessidade de mandar vir missionarios de França. A idéa da creação d'estes infatigaveis obreiros da religião catholica ha muito que germinava na mente do illustre arcebispo, mas só depois da fatalidade que ameaçara aniquilar a população indigena da Argelia é que definitivamente se organisou a missão de N. S.ª d'Africa.

Os missionarios são conhecidos pelo nome de padres brancos em consequencia de usarem sempre o traje arabe.

A missão fundada ha 16 annos conta hoje entre padres e noviços 150 pessoas. O primeiro superior da ordem é o arcebispo.

Para se fazer parte da missão é preciso ter um anno de noviciado submettido a observação; se porventura revela disposição para arrostar com os perigos que o ameaçam em tão rude carreira, no fim d'es-

se anno, e tendo os estudos completos de theologia n'um seminario de França ou Alger, recebe o noviço as ordens religiosas e é enviado immediatamente para o interior d'Africa.

Se elle mostra saude debil para supportar as fadigas da sua nova vida, ou porque se acobarda ante os trabalhos que tem a desempenhar, ou emfim porque não queira, sae da congregação e volta á sua terra.

Entre os actuaes 100 padres ha 2 belgas.

Um padre hespanhol tentou fazer parte da missão, mas não concluio o noviciado, outro tanto aconteceu a um padre italiano.

A missão de N. S.ª d'Africa é sustentada pela propaganda da Fé e pela propaganda de Roma; o governo que devia tomar interesse no desenvolvimento da religião, não auxilia absolutamente nada as missões d'Africa.

A missão de N. S.ª d'Africa d'Argel tem um posto na Kabylia com seis padres.

Um posto em Tunis no terreno em que falleceu Luiz IX no tempo das cruzadas e que o Bey cedeu á França. Este posto tem cinco padres e um collegio.

Em Tripoli um posto com tres padres.

No deserto do Sahara dois postos.

Em Jerusalem um posto denominado de St.ª An-

na, por serem os padres brancos os guardas da basilica de St.ª Anna.

Na Africa equatorial ha os seguintes postos:

Dois nas margens do lago Nianza;

Dois no Tanganika.

E esta ultima missão de que fazem parte os meus companheiros de viagem francezes que vae estabelecer-se entre o Nianza e Tanganika.

Parece que ha idéa de estabelecer tambem uma missão no Dahomey[1].

A vida dos missionarios a bordo é invariavelmente a seguinte.

As 6 horas da manhã, missa na camara dita por um dos padres, depois da qual tomam uma ligeira refeição. Até ao almoço estudam o souhaili[2]. Depois d'esta refeição até ao lunch conversam, jogam o xadrez, as damas ou gamão. Depois do lunch até ás 4 horas estudo do souhaili. Das 4 horas até ás 7 rezam. A' noite trazem o harmonium e tocam varios trechos de musica sacra e algumas canções da França.

Este foi o viver ordinario de bordo desde Argel até Port-Said.

---

[1] Esta missão foi effectivamente estabelecida o anno passado graças ás diligencias da propaganda de Roma e ao consentimento de S. S. Leão XIII.

[2] Lingua de Zanzibar.

A' proporção que iam passando os dias as passageiras e passageiros inglezes foram perdendo uma parte da sua habitual soberba. Approximavam-se de nós, convidavam-nos para os seus jogos, e quando o commandante depois de jantar mandava subir para o tombadilho a sua orchestra[1], eram sempre convidadas as senhoras portuguezas para as walsas e contradansas.

A semana d'Argel a Port-Said tornou-se enfadonha pela regular monotonia de bordo.

Não occorreu nada de notavel, nem sequer tivemos a satisfação de ver um navio proximo, nem avistámos de longe a Pantelaria ou Malta.

Nada.

Só mar e ceu durante os sete dias.

No dia 15 ás 2 horas da tarde avistámos o pharol do Port-Said e ás 4 horas fundeava o vapor proximo do caes.

---

[1] Um creado da camara, canarim que tocava soffrivelmente rebeca.

## V

Bordo do *Goa*, 27 de novembro de 1880.

MEU BOM AMIGO.

Ha na historia da humanidade trabalhos tão notaveis, que póde afoitamente dizer-se que levam o sello do seculo em que foram executados, e revelarão aos vindouros não só o gosto, mas tambem as aspirações d'essa época.

Se as famosas pyramides egypcias representam para a geração actual o emblema da força e soberba dos Pharaós, os templos gregos a aspiração á belleza, os circos romanos o poder e a gloria d'esse heroico povo, as cathedraes da idade media o prestigio e a supremacia da religião catholica; a geração actual legará á futura esses extraordinarios productos da intelligencia humana, esses assombrosos trabalhos da sciencia, a qual não encontrando bar-

reiras na sua frente vae cortando serras e montes, juntando mares que a mão do Omnipotente separara, communicando entre si por meio de cabos submarinos os povos mais longiquos e perfurando as mais elevadas montanhas; vendo-se d'est'arte as locomotoras atravessarem impavidas pelos extensos tuneis, do mesmo modo que ao interior da terra se vão desencantar os famosos minerios, e ao fundo do mar as perolas e as incalculaveis riquezas ali sepultadas.

N'esta lucta continuada, o papel que o seculo XIX desempenha na grande historia do mundo ha de ser bem mais glorioso para a geração futura do que para nós foram esses padrões famosos que os nossos avós nos legaram.

Dos trabalhos passados admiramos a audacia, a constancia e o poder de que dispunham os homens d'então para a construcção d'essas explendidas edificações; ao contemplarmos essas maravilhas curvamo-nos ante o poder do homem, mas inquestionavelmente os trabalhos modernos terão para os nossos successores uma significação muito mais importante, terão para elles centuplicado valor.

Ao poder da força succede agora o poder da sciencia posta ao serviço da humanidade e não ao da vaidade e orgulho como no passado; e assim é que hoje por meio do telegrapho submarino trans-

mitte-se a palavra de um a outro continente, e a idéa que brota no cerebro de um homem, traduzida ou reproduzida em signaes convencionaes, vae de povo em povo, de villa em villa, de cidade em cidade percorrendo o mundo com a velocidade do relampago.

E do mesmo modo que o telegrapho leva em seus fios o pensamento, o telephone já transmitte a voz e a palavra, como o vapor transporta ha muito os productos da industria humana.

Quando fundeámos em Port-Said saudei essa explendida maravilha, que o genio e a constancia de Lesseps conseguiram levar a cabo.

Desembarcámos todos, e depois de percorrermos as principaes ruas e praças, perseguidos por um sem numero de cicerones, dirigimo-nos para o *hotel de France*, onde encontrámos os missionarios francezes que nos receberam com a sua habitual jovialidade.

Port-Said é uma cidade moderna, que de dia para dia se vae desenvolvendo e que em pouco tempo será uma cidade de primeira ordem; e já o seria se o governo do khediva tivesse força e meios para dotar a cidade com os melhoramentos de que carece.

Nas ruas principaes ha lojas soffriveis predominando os basares orientaes, lojas com photographias do canal, de Ismailia, do khediva e familia, de Lesseps, de Port-Said, Suez, Cairo, etc. Encontram-se

em Port-Said numerosos caffés e restaurantes, sendo que nos primeiros excellentes orchestras disputam umas ás outras a concorrencia. N'um d'elles uma orchestra composta na sua maioria de austriacas chama a attenção dos viajantes, não só pela perfeita execução das operas, walsas e trechos das operas comicas mais em voga, mas igualmente pela formosura das executantes.

Proximo dos hoteis ha lojas onde se vê trabalhar continuamente a roleta, attrahindo com montões de ouro o incauto estrangeiro a ser roubado n'aquelle jogo.

A população de Port-Said é hoje composta de typos de todas as nacionalidades predominando os francezes, maltezes e gregos.

Em Port-Said ha grandes depositos de carvão, que abastecem todos os vapores que seguem para o mar Vermelho. É incalculavel o numero de negros que estão empregados n'este serviço. Quando se procede ao recebimento do carvão que é conduzido em enormes barcaças, fecham-se as vigias dos camarotes, tapam-se com divisorias de lona as passagens de bombordo e estibordo para evitar que o pó do carvão venham enegrecer o fato dos passageiros e mesmo a camara e tombadilho: mas apesar d'estas precauções sempre elle se encontra em qualquer ponto do vapor que se toque, havendo um unico

meio de o evitar. — É sahir do vapor durante essa operação.

No *hotel de France*, onde fui descansar, serviram-me um detestavel jantar, pois não contando á propria da hora com um accrescimo repentino de vinte boccas, tiveram que dividir a parte dos hospedes pelos vinte intrusos. Mas se o jantar não foi lauto nem variado de acepipes, foi em compensação alegre, pois que os missionarios como verdadeiros francezes se encarregaram de sustentar uma conversação encantadora, que ainda mais nos captivou. Depois de tomar um caffé soffrivel e fumar ao mesmo tempo o *narguillé* fui passeiar pela cidade, que áquellas horas só era percorrida pelos estrangeiros e pelos arabes, que á força nos queriam servir de guias, e a quem a policia egypcia deixa em tranquillidade importunar os viajantes.

No dia immediato de madrugada entrava o *Gôa* no canal levando no mastro de proa o pavilhão luzitano como distinctivo de paquete da mala portugueza.

Aquella bandeira que durante muitos annos tremulou nas mais affastadas regiões, que fôra sempre respeitada, ia agora içada n'um vapor inglez para lhe dar direito a uma preferencia na entrada do canal. Eram as quinas guiando o leopardo britannico.

Como quasi todos sabem no canal de Suez ha, como nos paços reaes, uma certa ordem de collocações no pessoal que constitue a corte; no canal teem a preferencia os navios de guerra, em seguida os paquetes das malas, depois os vapores de certas companhias. O nosso comboio compunha-se n'aquelle dia de 8 vapores.

Quem entra no canal pela primeira vez soffre uma grande desillusão. Quasi todos phantasiam um largo canal com bonitas vivendas e jardins nas margens, e creem na sua passagem observar o panorama do Mississipi ou d'outros rios da America. Nada d'isto. A aridez do deserto, o vastissimo mar d'areia para os dois lados fazendo-nos ver essas horriveis tempestades conhecidas pelo nome de *simoun* que tantas caravanas teem sepultado. A atmosphera é insuportavel, porque alem d'um calor tropical, uma nuvem continua d'areia finissima obriga o viajante a usar occulos ou lunetas de vidros escuros, resguardando por esta fórma o orgão visual das doenças que aquella poeira necessariamente occasiona. As ophtalmias nos empregados do canal e nos arabes que a miudo transitam pelas suas margens são tão numerosas que os obrigam a adoptar todas estas precauções.

De espaço a espaço notam-se umas pequenas estações, onde ao cuidado do chefe (ordinariamente

francez) se deve o ver-se uma vegetação que apezar de pobre ainda assim póde chamar-se, sem grande offensa, oasis no meio d'aquelle deserto.

Mais proximo de Suez que de Port-Said, mas ainda assim a uns trinta e tantos kilometros, a minha vista é agradavelmente surprehendida ao entrar nos grandes lagos e ao contemplar a distancia o arvoredo de Ismailia, e o palacio do Khediva onde a ex-imperatriz Eugenia assistiu á inauguração do canal.

No grande lago estacionam durante a noite os vapores quer venham da Europa para o oriente quer d'este para a Europa.

O canal que tem 86 kilometros (salvo erro), não tem a largura precisa para que dois navios seguindo direcções oppostas, possam navegar ao mesmo tempo, exceptuando em alguns pontos, onde uns esperam que os outros passem.

Como o canal é muito estreito em certos pontos, e os taludes são d'areia sem revestimento, os vapores são obrigados, por este defeito de construcção a andarem com uma velocidade, nunca superior a 2 milhas por hora. Um andamento mais accelerado originaria uma ondulação tal, que chegando a terra minaria a base dos taludes fazendo escorregar a areia a qual, indo amontoar-se no leito do canal, impediria por vezes a navegação tendo que vir im-

mediatamente dragas para a extracção das areias e rebocadores para safarem o vapor encalhado.

Os commandantes dos vapores francezes *Messageries maritimes* costumam pôr uma lancha a vapor á disposição dos passageiros que queiram visitar Ismailia, durante a noite. O commandante do *Goa* não teve para nós esta attenção, o que eu attribui a não ter o vapor lancha adequada a este fim.

Eu, que já tinha visitado Ismailia em 1873 e 1874, não lastimei esta falta porque decerto não queria novamente presencear o ataque brutal feito ao passageiro que desembarca pelo indigena que pretende a todo o transe alugar-lhe um jumento que o conduza á cidade mergulhada áquellas horas no mais profundo somno e sem nada offerecer de notavel.

Fiquei portanto a bordo, e como eu, os passageiros não só do *Goa* mas igualmente os dos outros vapores que constituiam o nosso comboyo.

Como a noite estivesse esplendida e fossem instados pelo commandante e senhoras inglezas para cantarem acompanhados ao harmonium, o o chefe da missão concedeu que os missionarios satisfizessem o pedido, e assim entre outras cousas nos fizeram ouvir o hymno de Nossa Senhora d'Africa d'Argel cuja lettra é a seguinte:

Chanté par l'Afrique
Qui sort du tombeau
Que l'hymne angélique
Te semble plus beau.

Avè Maria

Dejà notre France
Docile a ta voix,
Comme une esperance
Lui porte la croix

Avè Maria

Et de cette terre
Ou regne la foi
L'antique prière
Monte encore vers toi

Avè Maria

Vois : pour ta louange
Elle a retrouvé
Aux lèvres de l'anje
Le celeste *Avè*

Avè Maria

Et sur le rivage
Que deshonorait
L'impur esclavage
Ton temple apparait

Avè Maria

Sous tes doux auspices
Près de ton autel
Croissent les premices
Des fils d'Ismael

Avè Maria

Que les coeurs rebelles
Qui fuirent de ton amour
Et ces coeurs fidèles
S'unissent un jour !

Avè Maria

Que ta pure aurore
Astre du matin
Nous ramène
Les jours d'Augustin

Avè Maria

Que ta main de mère
Brise le cercueil
Ou dort sous la pierre
Cham et son orgueil

Avè Maria

Que le fiér nomade
Encore indompté
Céde a la croisade
De la Charité

Avè Maria

De ce peuple immense
Errant dans la mort
Tout entier s'avance
Vers toi... vers le port

Avè Maria

Que un rayon de flamme
Sorti de ton cœur,
Rallume en son ame
L'amour du Sauveur

Avè Maria

Que sous son suaire
Dejà soulevé
Il entonne oh! Mère!
Un jour ton Avè.

Avè Maria

Algumas senhoras inglezas tocaram e cantaram, e depois d'este improvisado concerto dançaram-se algumas valsas, em que tomaram parte duas senhoras portuguezas, as esposas do escrivão Ribeiro e capitão Fonseca. Uma ingleza, que convidára a senhora Ribeiro para dançar com ella uma valsa, sorriu-se de certa maneira para os seus patricios o que poz de sobreavizo a colonia portugueza, que preveniu a nossa compatriota de que alguma cousa se projectava contra ella. Poucos minutos depois percebemos que a intenção da ingleza era causar tal fadiga ao seu par, que este tivesse que ceder, dando parte de fraco.—Enganou-se a formosa filha d'Albion, porque a portugueza sustentou com toda a coragem o repto, e quando a ingleza disse arquejante que bastava, a senhora Ribeiro pediu para continuar

com ella ou com outra ingleza, o que lhe valeu uma extraordinaria ovação dos dois partidos.

Terminadas as danças e depois do chá, reunimonos no tombadilho, e tendo um de nós instado com o padre Ménard para que nos contasse alguma cousa, visto a noite estar pouco convidativa para recolher aos camarotes, elle accedeu, contando-nos a seguinte lenda, que por descargo de consciencia declarou ter lido não se recordando do nome do livro.

«Na velha Bretanha, proximo do monte de S. Miguel, existem ainda as ruinas de um antigo castello gothico, o qual, segundo referem as chronicas, pertenceu aos condes de Penhoel, familia cuja nobresa datava da primeira crusada de Pedro o Eremita.

Existem apenas vestigios do pateo de honra e da capella onde estava o pantheon dos antigos condes, apezar de bastante arruinado, o pouco que ainda resta conserva signaes denunciadores d'aquelles soberbos castellos da edade media.

Em um dos angulos do pateo, transformado em jardim pelo ultimo possuidor, coberta de musgo e terra vê-se uma lapide de marmore inteiramente negra e debaixo de uma cruz lê-se a seguinte inscripção em caracteres gothicos:

*Aqui jaz João Luiz de Penhoel*
*Rogae a Deus pela sua alma*

O apellido indica que o morto pertenceu á familia dos condes.

Mas porque lhe não deram sepultura no magnifico pantheon que possuiam no castello?

A proposito d'isto ouvi contar uma lenda que passo a referir.

Primeiro que tudo e para provar a antiguidade do brazão dos condes, diz-se que Christiano de Penhoel, para tomar parte na conquista de Jerusalem, sahiu um dia do seu castello, armado com todas as suas armas, depois de se ter despedido dos seus vassallos e recebido da condessa um collar de ouro do qual pendia uma cruz.

O seu corcel de batalha rinchou quando passava por baixo do arco gothico da porta, como se quizera despedir-se da morada senhorial.

No fim de dois annos, uma tarde que a condessa lia o nobiliario encostada a uma das gelosias do salão principal, viu avançar pelo caminho que conduzia ao castello, um cavalleiro que ao galope do seu ginete se aproximava.

Quando se avisinhou do castello, a condessa reconheceu a armadura de prata de Christiano.

Quando tal viu, o vigia fez signal e os servos do castello esperavam o seu senhor, uns no pateo de honra, outros na escada principal.

O cavallo entrou no pateo e parou, um escudeiro

segurava respeitosamente no estribo esquerdo, mas Christiano não se apeiava.

Vendo aquella extraordinaria demora, a condessa desceu ao pateo, apezar da etiqueta o não consentir.

*Querido esposo!* — disse ella com ternura.

Porém, sempre o mesmo silencio e a mesma rigidéz no cavalleiro.

Finalmente foi necessario apeial-o.

Qual não foi o espanto de todos, quando ao levantarem a viseira do capacete viram que dentro da armadura não estava ninguem.

Onde ficára o corpo do conde? Quem poria a armadura sobre o cavallo?

Nada se poude saber que esclarecesse este facto tão incomprehensivel.

Fizeram-se ao conde Christiano magnificos funeraes no castello, e a armadura de prata foi collocada com grande apparato na sala principal onde estavam os retratos de toda a sua nobre ascendencia.

No anno de 1500 era conde e senhor do castello o cavalheiro João Luiz de Penhoel, aparentado nada menos que com o duque da Bretanha.

Havia pouco mais de um anno que casara com Bertha de Saint-Preux, a qual pertencia á segunda nobreza do paiz e devia herdar por morte de seu pae uma fortuna fabulosa. Mas seu pae era um d'aquelles robustos bretões que parecem eternos.

Ainda que Bertha era formosa dizia-se na povoação, que a causa do matrimonio fôra a herança do pae de Bertha, porque embora o conde fôsse rico, a sua avareza e ambição eram maiores do que a riqueza.

O certo é que Bertha e o conde João Luiz viviam felizes pelo menos apparentemente.

Uma das condições do casamento, afim de não destruir a felicidade d'ambos, foi que o pae de Bertha viveria com sua filha no castello.

O ancião accedeu sem vacillar, não por condescender com o conde, mas para não se separar de Bertha a quem idolatrava.

Trasladou-se, pois para a mansão de Penhoel com um antigo creado da sua confiança, o qual era a unica pessoa que o servia.

O bretão não queria incommodar a gente do conde.

No castello tinha uma vida completamente independente

Decorreu um anno na mais completa felicidade.

O conde e a condessa adoravam-se, e ambos dedicavam seus cuidados e attenções ao velho bretão que pouco a pouco ia vencendo a repugnancia que ao principio lhe inspirava o conde João Luiz.

No fim d'algum tempo o ancião começou a sentir-se ligeiramente incommodado.

Se sahia a cavallo, fatigava-se; o passeio a pé produsia-lhe um cansaço que não podia supportar. Sem ter uma doença grave sentia-se realmente enfermo.

O medico do castello visitou-o por ordem de Bertha, não encontrando mais que uma irritação continua e grande debilidade no sangue.

Não era cousa de cuidado.

No entanto o ancião tinha momentos em que se sentia desfallecer, chegando muitas vezes a não sahir dos seus aposentos, sendo acompanhado só por Bertha e pelo seu antigo servo.

«Meu pae, dizia-lhe Bertha, que sente?»

«A morte, minha pobre filha.

«Como pode abrigar tão lugubre ideia? O doutor não é d'essa opinião.

«Nos instantes supremos, querida Bertha, qualquer doente sabe mais que o medico que o trata; eu estou cada vez peior, tenho aqui no peito um fogo que me consome... esta irritação cuja causa ignoro, não se cura com cousa alguma porque é a morte... Agora queixo-me de demasiado calor... dentro em pouco o frio do sepulcro.

«Cale-se, por piedade, meu pae.

«Não, Bertha, é preciso que te habitues a esta ideia.

«Talvez mudando d'ares melhore... olhe des-

ponta a primavera... se quer iremos passar algum tempo á Normandia... o conde possue ali um lindissimo castello... ou então iremos á Italia, cujo clima é mais temperado...

«E' escusado, um bretão deve morrer na sua patria... Queres que eu abandone n'este momento a minha velha e querida Bretanha.

«Oh! sim, sim... tem razão, disia o velho servidor, não ha melhor leito de repouso que o da patria...

«Meu bom Pedro!

E o velho Saint-Preux apertou a mão do seu criado dirigindo-lhe um melancolico sorriso.

A sua enfermidade foi-se aggravando de tal sorte, que foi precisa nova visita do medico.

Depois de meia hora d'observação, este sahiu do quarto em companhia do conde.

— Que lhe parece? perguntou João Luiz.

O medico franziu os sobr'olhos.

—Está perigoso? perguntou novamente o conde.

— Não sei como dizel-o, respondeu o medico. E' tão extraordinario o que acabo de descobrir n'este instante.

— Falle, doutor, disse o conde, estou disposto a ouvir tudo.

— O meu dever obriga-me a dizer-lhe a verdade.

— Diga.

— Esse velho... o pae da condessa...

— Queira concluir.

— Está... envenenado.

—É possivel!... Exclamou o conde ante aquella terrivel e inexperada revellação. Porém doutor...

— Já tive a honra de dizer ao sr. conde que fui obrigado pelo dever a declarar esta triste nova.

— Está bem certo do que acaba de me dizer?

— O veneno que propinaram a esse ancião deixa sempre signaes que não podem enganar a sciencia.

— Ah! deixa signaes?... exclamou o conde sem poder conter-se.

— Indeleveis.

João Luiz empallideceu.

— Com que então foi envenenado.

— Agora o sr. conde tratará de ver sobre quem recahem as suas suspeitas.

— Ah! Como é possivel sabel-o... quem tem aqui interesse na sua morte? Que desgraça!... Elle confiou o cuidado da sua pessoa a um antigo servo com quem vive desde a infancia... porém não julgo que este... Oh! é impossivel!

O doutor prometteu ao conde não dizer a ninguem uma palavra até se esclarecer o facto: sobretudo Bertha devia ignoral-o sempre.

N'aquella noite, quando soavam as 12 horas, João Luiz entrou nos aposentos do velho bretão, que dormitava n'aquelle momento, cançado dos seus padecimentos.

Pedro, seu servidor, dormia n'um sophá, porque havia já bastantes noites que não se deitava.

Junto do leito havia uma pequena meza com varios medicamentos, entre os quaes se achava em uma pequena taça de prata uma tisana que o bretão devia tomar quando acordasse.

O conde João aproximou-se do leito, apertando entre seus dedos um frasco de cristal do tamanho d'um alfinete e grosso como uma penna.

A sua primeira idéa foi verter o contheudo na tisana, mas lembrou-se que a taça era de prata, e deteve-se.

Voltou a cabeça para ver se o creado observava.

Mas Pedro dormia, se bem que com esse somno ligeiro proprio das pessoas acostumadas a velar.

Então o conde destapando o frasco, approximou-o do nariz do bretão.

Este fez um ligeiro estremecimento, e voltou a cabeça exhalando o ultimo suspiro.

A perturbação do conde fez com que tropeçasse na mesa, aquelle leve rumor foi o sufficiente para despertar Pedro, o qual ao ver que o conde sahia

do quarto de seu amo, dirigiu-se precipitadamente para a cabeceira do seu leito, pegou-lhe n'uma das mãos e sacudiu-a com força.

N'aquelle momento uma idéa diabolica accudiu á imaginação do conde.

Voltou a traz e exclamou com vez de stentor, dirigindo-se a Pedro:

—Miseravel, acabas d'assassinar teu amo.

O velho creado soltou um rugido de colera!

—Depressa, acudam... exclamou o conde, tocando a campainha.

Pedro com um gesto violento, agarrou n'uma das mãos do conde, e arrastou-o até proximo do cadaver.

—Sabe perfeitamente qual dos dois é o assassino, disse elle apontando para o corpo do seu amo, porém nada receie; é parente do meu senhor, e como o seu crime ia manchar o brasão dos seus antepassados, nenhum dos quaes foi assassino, digolhe n'este momento solemne... Conde João, por sua esposa, pela Bretanha inteira, vou salvar a honra de meu amo e a dos condes de Penhoel!... Eu sou o assassino.

Estas ultimas palavras pronunciou-as Pedro, no momento em que a condessa e os servos do castello entravam no gabinete.

«Meu Deus, dizia aquella, estreitando nos seus

braços o cadaver do pae, emquanto os creados do conde apoderando-se de Pedro, o conduziam a uma prisão do castello, fazendo corar de vergonha o conde João quando passou pela sua frente.

O castello tinha jurisdicção civil e criminal em toda a comarca e como os processos em casos semelhantes não estavam sujeitos a grandes formalidades, não tardou que Pedro fosse condemnado á morte, nem devia tardar a execução, porque o conde tinha pressa de vêr desapparecer aquelle desgraçado velho. Ainda não estava seguro que o amor á vida o não atraiçoasse declarando a verdade, embora não existisse uma prova material que denunciasse o conde.

Bertha pela sua parte, duvidava que Pedro commettesse o crime de que elle mesmo se accusava.

Não era possivel que um creado nascido em casa, que sempre fora tratado como um amigo, mais ainda, como uma pessoa de familia, pagasse esta amisade com uma semelhante ingratidão.

No entanto era elle proprio quem se accusava, e ante esta declaração não era possivel duvidar-se.

Bertha, não obstante quiz influir com seu marido para que este lhe perdoasse; porém o conde foi inflexivel e assignou a sentença com mão firme e segura, como se não tratasse de um innocente.

*Na praça* da povoação elevou-se um tablado, so-

bre o qual a forca levantava os seus horriveis braços.

No dia seguinte, ao meio dia em ponto, sahiu Pedro do castello, com a cabeça descoberta, precedido e seguido dos homens d'armas e acompanhado pelo algoz.

O conde não quiz que um sacerdote o acompanhasse, por mais que Pedro, religioso como um bom bretão, lhe pedisse com insistencia.

Receiava que por meio da confissão lhe revellasse o seu crime.

Ao escutar aquelle lugubre ruido que a multidão fazia na praça, Bertha voltou a pedir a seu marido o perdão para o réu.

O conde João sem fazer caso dos seus rogos, presenceou a execução, de uma janella do castello.

Quando a corda começava a opprimir o pescoço do infeliz Pedro, quando ia a ser lançado no espaço com o verdugo, dirigiu o olhar para o castello e com voz forte e vibrante disse para o conde.

—Até á eternidade!

O poderoso senhor não poude deixar de estremecer: a condessa Bertha soltou um grito de dor.

E todos os servos do conde á excepção dos homens d'armas que estavam na praça viram uma cousa extraordinaria e incomprehensivel.

Viram que a armadura de prata de Christiano de

Penhoel atravessava lenta e magestosa a sala de honra aonde estava collocada havia mais de um seculo e dirigir-se para o quarto occupado pelo conde e Bertha que estremeceram de pavor.

Aquella armadura que lusira nas crusadas tinha erguida a viseira do capacete, e ainda que dentro nada se visse, talvez a occupasse o espirito do conde Christiano, porque se ouviu resoar uma voz que dirigindo-se ao verdadeiro culpado dizia:

— Miseravel assassino! o teu cadaver não entrará nunca no pantheon da tua familia... Conde de Penhoel em nome da tua esclarecida e nobre ascendencia eu te amaldiçô-o.

E feriu-o no rosto com sua manapola de prata, desapparecendo em seguida.

O conde João Luiz cahiu para não mais se levantar, estava morto.

Chegou a noite d'aquelle triste e nefando dia.

A grande sala de honra transformou-se em camara ardente, e sobre um caixão de velludo com franjas de ouro, foi collocado o cadaver do conde João Luiz.

Quando levaram o corpo para a sala pareceu aos servos que os retratos dos cavalleiros e damas da familia Penhoel voltavam o rosto indignados para não verem aquelle miseravel manchado com o duplo crime d'assassinato.

E não foi só isto.

A gente da povoação viu tambem que a armadura de prata do conde Christiano de Penhoel se collocou ao pé do cadafalso, onde foi enforcado Pedro, o fiel servidor que morrera para salvar a honra d'uma familia.

No capacete via-se uma bella pluma negra, e a manapola da mão direita sustentava a espada de batalha que brilhava ferida pelos raios do sol.

Emquanto os antigos condes recebiam com desprezo o cadaver de João Luiz; o mais nobre dos seus ascendentes fazia guarda de honra ao justiçado.

Quando chegou a noite desappareceram a armadura e o servo. A corda da forca fôra cortada.

No dia immediato as gentes do castello acompanharam o corpo de seu amo ao carneiro da familia, onde estava collocado um mausoleo de marmore.

Porém ao abrirem a porta de bronse, appareceu a armadura de prata de Christiano de Penhoel, vedando-lhes a entrada, com a espada na mão.

Duas ou tres vezes intentaram penetrar no sagrado recinto; a espada de Christiano chegou a ferir no rosto um dos escudeiros.

Então a propria condessa mandou que se enterrasse no angulo do pateo, onde ainda ha alguns annos se via a lousa negra de marmore sem mais inscripção que o nome de João Luiz de Penhoel.»

Terminado este conto, como a hora estivesse adiantada não houve remedio senão recolher aos camarotes.

Quando me levantei no dia immediato já o vapor caminhava novamente no canal. A velocidade era a mesma, como o panorama e o calor eram iguaes ao da vespera.

## VI

Bordo do *Gôa*, 19 de novembro.

Meu caro amigo:

Ao meio-dia de 17 chegámos a Suez.

Na ampla bahia estavam um sem numero de vapores. Suez fica tão distante do logar onde o vapor fundeia, que raras vezes os passageiros vão a terra, não só pela distancia mas porque em geral a demora n'aquelle porto é pequena.

Esta razão inhibe-me de fazer a descripção d'esta importante cidade egypcia, que vista exteriormente apresenta um aspecto seductor como quasi todas as cidades orientaes, embora depois quando se visita o interior se soffra um terrivel desengano.

O calor que senti no canal e em Suez augmenta apenas entro no mar Vermelho.

A bordo tomaram-se as precauções usuaes n'esta

paragem. Isto é: mandou-se pôr um segundo toldo, as mangueiras e agulhetas trabalharam amiudadas vezes no dia refrescando os dois toldos e o tombadilho.

Não corre a mais ligeira viração. O calor é insupportavel. Ninguem pode dormir nos camarotes.

Á noite os homens apparecem com cabaias de chita e calças mouras, e cada um escolhe o local onde o creado hade collocar a cama.

Este pittoresco vestuario é permittido das 8 horas da noite ás 8 da manhã.

As senhoras, que soffrem tanto como os homens, arranjam os seus aquartelamentos sobre a claraboia da camara.

O mar é um verdadeiro lago.

De manhã avisto á minha esquerda um oasis; é a celebre fonte de Moysés.

Ignoro a razão porque se dá o nome de vermelho a este mar. Quatro vezes o passei, e em quatro epocas differentes do anno, e nada vi de extraordinario que désse logar a esta denominação.

Correm differentes versões sobre o motivo que occasionou o ser assim denominado. Uns dizem que lhe chamaram vermelho por causa da grande quantidade de coral que dá um reflexo avermelhado á agua, outros dizem que as baleias na occasião de desovarem deixam larga esteira avermelhada na su

perficie do mar. Eu vi effectivamente largas tiras de côr differente, e que se attribuiu a esta segunda razão, mas essas tiras eram amarellas e não encarnadas, o que me faz crêr não ser ainda este o motivo porque lhe chamam mar vermelho. Seja como for, elle é assim conhecido, e quer mereça ou não este nome, será sempre *Mar Vermelho.*

O calor n'este ponto é tal que se procura por mais de uma vez no dia o refrigerio do banho de tina.

Os banhos são procurados com instancia, infelizmente ha apenas uma tina para os homens e outra para as senhoras. D'esta falta resulta estarem os passageiros á vez esperando que saiam os mais adiantados.

O *bath-room* dos homens, que é ao mesmo tempo o *water closed* (schoking), está em serviço permanente desde as 4 $^{1}/_{2}$ da manhã até ás 8 $^{3}/_{4}$. Os passageiros devem demorar-se pouco, por isso que em um quadro pendurado na parede d'este extraordinario camarote se lê o seguinte aviso:—*The passenger are requested not occuped the bath room longer than ten minutes.* Resulta d'isto que apenas uma pessoa entra no camarote já de fóra estão batendo. A temperatura da agua é igual á do corpo, de modo que não se experimenta sensação alguma ao entrar no banho.

A viagem torna-se enfadonha porque o calor augmentando, tira a vontade de passeiar, de jogar, de tudo emfim que não seja procurar um local onde possa correr uma ligeira viração que suavise d'algum modo a ardencia que nos opprime.

Os nossos missionarios encarregam-se uma das noites de modificar a monotonia em que nos achavamos contando o chefe da missão a seguinte historia que lhe fôra relatada por um padre hespanhol que fizera noviciado na congregação, mas que não pudera seguir a carreira, abandonando os seus companheiros de N. Sr.ª d'Africa d'Argel.

O missionario começou d'esta maneira:

«Granada é o paiz das tradições.

Poucas cidades haverá que guardem tantas recordações do seu passado como ella. Cada edificio, cada monumento, cada arvore, cada objecto, emfim, tem a sua historia particular; historia que corre de boca em boca, commentada, accrescentada, e até desfigurada algumas vezes.

No inverno de 1864, eu e outro amigo passámos em Granada. Entre os nossos amigos contavamos Manuel Henriquez, estudante de medicina e pertencente a uma das mais antigas familias granadinas.

Manuel habitava uma espaçosa casa em Albai-

cim, proxima da egreja de S. José. Um d'esses edificios que se não vêem já, senão n'esta parte da cidade; um immenso portão e um pateo onde cabem á larga quatro casas modernas.

Todos os nossos passeios terminavam geralmente em casa de Manuel; ali, na explendida casa de jantar e sentados juntos do fogão, saboreavamos um magnifico café quasi sempre acompanhado d'um calice de genebra, bebida a que o nosso amigo era extremamente affeiçoado.

Uma noite achavamo-nos os tres segundo o costume em casa de Manuel.

A casa de jantar, cuja descripção é necessaria para a melhor comprehensão d'este conto, tinha e ainda deve ter n'esta occasião, em uma das suas paredes uma galeria envidraçada; das janellas da galeria via-se perfeitamente a maior parte da cidade, em frente d'estas janellas, entre a porta e a chaminé, havia um quadro pintado em madeira, já bastante deteriorado e collocado n'uma d'essas molduras douradas sobrecarregadas de adornos que só se vêem hoje nas igrejas.

Representava este quadro um monge com a cabeça e barba completamente brancas, erguia para o ceu o olhar contricto e estreitava contra o peito um crucifixo.

Por baixo e em lettras encarnadas, lia-se, ainda

que com alguma difficuldade, a seguinte inscripção:

*Fr. F.... á C.... mong. Carth. Granat. V. J d. Mai MDCXV in anno quinto et vigessimo suae vitae mortem occumbuit*[1].

O quadro não tinha o nome do seu auctor. No entretanto, qualquer apreciador da arte de Rubens que visitasse a Cartucha granadina, e visse no claustro as pinturas com que Sanches Cotau, o monge artista, enriqueceu aquelle grandioso monumento, legando á posteridade o seu glorioso nome, ao contemplar o quadro a que nos referimos, talvez n'elle encontrasse alguns traços do pincel d'aquelle obscuro leigo que, apezar da sua humildade, soube eternisar seu nome.

Aquelle retrato attrahira a nossa attenção havia bastante tempo, pois achavamos muito contradictoria a edade que marcava a inscripção com a que representava o monge cartucho; no entretanto, nunca interrogámos sobre isto Manuel, esperando occasião opportuna para satisfazer a nossa curiosidade.

---

1 Frey F. de C.... monge da cartucha de Granada. Falleceu a *11 de* Maio de 1615 aos 25 annos de edade.

*
* *

Uma noite achavamo-nos na casa de jantar de Manuel.

Fazia muito frio. Sentados os tres, proximo do immenso fogão, bebiamos o café que uma creada nos servira e sentiamos esse prazer particular que se experimenta quando em uma noite desabrida de inverno se disfructa o grato calor do lar domestico. Atravez dos vidros da galeria viamos brilhar as estrellas sobre o azul escuro do ceu; e as violentas rajadas de vento norte que zuniam no angulo do edificio, traziam de vez em quando até nós o som triste e solemne do sino da Véla, que tão depressa parecia soar a grande distancia, como outras vezes parecia estar sobre as nossas cabeças.

Estavamos pensativos, com o olhar fixo sobre a chamma que se levantava na chaminé, considerando-a talvez como o unico recurso para escapar d'aquella noite horrivel, quando um de nós erguendo a cabeça e sacudindo as suas melancolicas meditações, perguntou apontando para o quadro:

— De quem é aquelle retrato, Manuel?

As nossas vistas fixaram-se sobre a veneranda imagem do frade que se destacava severa e solemne sobre o fundo escuro do quadro.

— Aquelle retrato, respondeu Manuel sahindo tambem da sua abstracção, é de um dos meus antepassados que morreu na Cartucha, santo, segundo a opinião geral.

— E falleceu realmente aos 25 annos, como diz a inscripção?

— Ah! leram-na? Pois é verdade, morreu com essa edade não obstante o seu rosto representar o triplo. É uma tradicção que se conserva na nossa familia. Querem que lh'a conte?

— Queremos! foi a resposta unanime.

— Então preparem-se para ouvil-a! disse Manuel levantando-se e tirando d'um armario uma botija de genebra e copos.

E emquanto saboreavamos o seu licor favorito, contou-nos o seguinte:

*

* *

Filippe de Carvajal era um d'esses fidalgos turbulentos, amigo d'aventuras e galanteios; um d'esses typos tão communs em outras epocas, que eram o idolo das mulheres e a admiração dos homens.

Filippe tinha 25 annos, e contava tantos duellos quantos os annos; a sua historia de rapaz era uma serie de loucuras interminaveis, que teriam feito a desgraça de um homem menos poderoso, e que em

Filippe, filho dilecto da sorte, constituiam uma co rôa invejavel.

— Sempre assim foi, replicou um de nós; na sociedade moderna nota-se tambem o que tu dizes, a differença consiste em que antigamente respeitava-se a nobresa e hoje só o dinheiro.

— É verdade, mas deixa-me continuar.

— Continúa, mas primeiro deita mais lenha no fogão e enche-me o copo.

*

* *

— Dizia, proseguiu Manuel, que Filippe se ufanava da sua vida aventureira: passava o tempo, e cada dia uma nova aventura vinha augmentar a novellesca historia d'aquelle louco mancebo; mas faltava outra pagina ás que enchiam sua existencia, e essa pagina, que tanto se relaciona com a pintura, é a que lhes vou explicar.

Filippe requestara, entre outras, a uma joven de Granada, nobre, formosissima e rica. Era tão virtuosa quão innocente, e a sua virtude e innocencia estavam em relação com a sua formosura e riqueza.

Ignez (assim se chamava) acceitou o amor de Filippe, e este, que segundo o seu costume não abrigava os mais puros desejos, fez propostas á sua ado-

rada, propostas que foram repellidas a principio, mas que deram logar mais tarde á reflexão, e concluiram finalmente por allucinar a incauta creança que, na santa ignorancia da virtude, acreditava de boa fé nas absurdas palavras do cavalheiro.

Ignez estava promettida a um amigo de seu pae; e comprehendendo Filippe que se pedisse a sua mão, esta lhe seria negada, quiz aproveitar esta circumstancia em favor dos seus infames designios; e com effeito, pediu com instancia a Ignez que o seguisse a uma propriedade que tinha perto de Granada, promettendo-lhe que uma vez alli, se casariam, implorando depois o perdão de seu pae para a falta commettida.

Houve negativas, receios, duvidas, e por fim o amor enganado cedeu a toda a sorte de considerações e ficou combinado o dia em que os amantes haviam de levar a effeito o seu plano.

*

* *

Chegou o dia aprazado para o rapto de Ignez.

Filippe, despreoccupado como sempre, mal pensava no arriscado passo que ia dar e matava as horas da noite nos prazeres de uma orgia.

A' meia noite encaminhou-se para casa. Entrou no seu gabinete, poz a espada, metteu um par de

pistollas no cinturão e desceu para a rua, onde um creado o esperava com um magnifico cavallo.

Montou, e bem depressa o rumor das patas ferindo as pedras se perdeu ao longe.

Filippe parou diante do muro de um jardim.

Apeiou-se do cavallo, prendeu as redeas a uma arvore e com passo resoluto avançou para uma pequena porta que havia no muro; chegado ahi tirou do bolso uma chave que ia metter na fechadura.

Não foi preciso...

A porta abriu-se ao mesmo tempo, sem ruido e como obedecendo á vontade do cavalheiro, e por ella sahiu uma mulher envolta em amplo manto que lhe occultava as feições.

Filippe tomou em seus braços a mulher, que era Ignez, e collocou-a na sella, montando elle em seguida.

O cavallo partiu a galope.

A noite era escura, mais que sombria, tempestuosa.

Sem saber porque, Filippe estremeceu, ao estreitar contra seu peito a formosa donzella.

Entretanto começara a chover.

Ouviram-se alguns trovões, e Filippe teve medo...

Cravou as espóras na barriga do cavallo, e este, incitado pela dôr, não corria, voava.

Estavam perto da Cartucha.

Um estrondo horrivel retumbou no espaço. Um relampago immenso illuminou todo o horisonte e ao mesmo tempo Filippe soltou um grito sem igual, frenetico, desesperado, um grito que mais parecia o rugido de uma fera que a voz de um ser racional.

O relampago illuminara o corpo que levava sobre a sella; e á luz d'elle descobriu n'aquella figura um esqueleto horrivel, descarnado; um conjuncto d'ossos pallidos como a cór do marfim antigo; um rosto desfigurado onde se não via rasto de vida nem reminiscencias da sua primitiva fórma. E para augmentar o horror e tornar mais patente o contraste, aquelle esqueleto achava-se envolto em um rico vestido branco, e da sua cabeça fria e nua de cabellos pendia um veu que occultava os despojos do semblante.

Um momento bastou a Filippe para conhecer a sua situação.

Faltaram-lhe as forças, e abrindo os braços cahiu sem sentidos.

O esqueleto, livre das mãos que o seguravam, cahiu igualmente, estallando e semeando d'ossos o solo.

—E como se explica o engano de que foi victima, Filippe? perguntámos.

— Muito simplesmente. Ignez era uma mulher innocente. Filippe quiz seduzil-a, e Deus, para evi-

tar este crime, permittiu que ella morresse na vespera do dia combinado para o rapto.

Comprehenderão, que quando Filippe chegou a casa da joven, foi o esqueleto quem sahiu á rua, mas igualmente é facil adivinhar que em seu amoroso desejo, não reparou que opprimia um cadaver descarnado em vez de uma mulher cheia de vida e formosura; ou antes, quem sabe se este rapto seria todo effeito de uma illusão creada pela Providencia para converter o temivel cavalleiro.

*

* *

Pouco depois do amanhecer, Filippe tornou a si.

Estava rodeado de varios monges cartuchos que sahiram do convento para o soccorrer.

Não faltavam tambem alguns viandantes curiosos no grupo, e Filippe ouvia como em sonho as phrases de compaixão e de surpreza d'aquella caritativa gente.

— Pobre velho! diziam todos.

E Filippe não podia comprehender a significação d'aquellas palavras.

Abriu os olhos, e ao apartar d'elles os cabellos ensopados em agua, tremeu-lhe a mão; mas fazendo um esforço, levantou-se e perguntou varias vezes:

— Aonde estou:

egypcio, onde os seus magnificos cafés-concertos me traziam á lembrança as saudosas recordações de Paris.

Não é nada d'isto.

O que vamos ver é a verdadeira cidade oriental, a cidade dos bazares, das lendas, a querida dos musulmanos, finalmente Djeddah.

Ao meio dia entravamos no porto mais perigoso do mar Vermelho, e com certeza um dos mais perigosos do mundo. Restingas e baixos de coral dispostos na fórma mais extravagante, tornam difficilimo o accesso, obrigando o navio a dar voltas rapidas e caprichosas. Emquanto observava os innumeros zig-zagues que o vapor era obrigado a dar, aproximavamo-nos mais da cidade.

Descobria já uma extensa linha formada por 42 vapores de differentes nacionalidades, que estavam fundeados no porto.

Que bello espectaculo não era a contemplação d'aquella enorme fila de navios, dispostos como que a bombardear a cidade; dir-se-ía que estava presenciando a demonstração naval em Dulcigno, que tanto occupou a attenção da Europa, em 1870.

A' uma hora da tarde fundeámos.

Com quanto a distancia a que nos achavamos de terra fosse pequena, uma serie interminavel de baixos obrigava os barcos a dar umas voltas muito ao

longe, e portanto a gastar hora e meia no caminho que em linha recta seria de dez minutos.

O vapor demorava-se dois dias em Djeddah.

O immenso calor que sentia, a distancia a que me achava de terra, a perspectiva de uma travessia n'uns barcos sujos e incommodos; tudo isto concorria para que desejasse conservar-me a bordo.

Os meus companheiros de viagem dividiram-se; uns seguindo os impulsos da curiosidade foram logo para terra, acompanhados pelo abbade Guillaud e padre Menard; outros preferiram ficar no paquete.

Djeddah vista do porto é alegre, as suas casas pintadas de branco, as janellas com balcões salientes de madeira escura e recortada, fazem realçar as habitações dando-lhe de longe um tom claro-escuro extremamente agradavel. Se estivessemos no Atlantico e não no mar Vermelho, julgariamos ter diante de nós a formosa Cadiz. Os minaretes e a architectura das suas habitações e mesquitas, dão um cunho verdadeiramente oriental a esta risonha cidade.

Djeddah é a cidade mais commercial da Arabia, e pela sua proximidade de Meca[1] é igualmente a mais concorrida, sobretudo em certos mezes do anno em que os crentes vão á cidade santa.

Do lado esquerdo da cidade vê-se um monumento

---

[1] A distancia entre as duas cidades é de 97 kilometros.

de pedra que á distancia a que nos achavamos não podia distinguir-se bem.

Era o tumulo de Eva.

Não tenho a louca pretenção de discutir a veracidade da existencia dos restos d'Eva n'estas paragens; esse cuidado pertence aos archeographos e archeologos, que são os competentes para decidir se os restos da primeira mulher estão n'este tumulo ou n'outro proximo do Cairo. O que posso affiançar é que se ella teve o tamanho que apresentam os monumentos egypcio ou arabe, devia ter sido de uma altura respeitavel.

Sobre Djeddah pesa uma nodoa de sangue.

Foi o massacre dos consules europeus, um outro S. Bartholomeu, que a Inglaterra puniu severamente, bombardeando a cidade querida dos musulmanos e vingando ella só o hediondo crime praticado com os representantes das outras nações.

Quando á noite os passageiros portuguezes voltaram para bordo do Goa, um d'elles fez-me com verdadeiro enthusiasmo de poeta a descripção da cidade, instando commigo para o acompanhar no dia immediato a vizitar Djeddah.

A noite passou-se em deliciosa conversação, contando-nos Menard uma lenda arabe — a da folha do tabaco, de que elle não conhece o author por que foi escripta sobre uma tradição tão popular entre os

arabes do deserto como entre os poetas persas e que eu traduzo por n'ella haver uma certa poesia que não se encontra nos contos modernos tão cheios de realismo.

A lenda da folha do tabaco foi assim contada.

«Em nome d'Allah, clemente e misericordioso, que nos deu a cana para escrever e que todos os dias ensina aos homens uma das muitas cousas que não sabem, ouvi:

Porque Elle só, é o grande, o omnipotente, o senhor dos anjos e dos homens.

Em seus labios está a perola da verdade. E a luz d'esses sóes que brilham sobre as Montanhas azues vem dos rubins dos seus olhos.

Um dos seus dedos governa a machina dos mundos; o sopro da sua bôcca é o Simoun que levanta as areias do deserto.

Ouvi:

Esta não é a lenda da bella Zobeida, nem a do sultão de Candahar, nem a historia da *formosa beduina*, nem nenhuma d'essas suaves lendas e contos de fadas que os bardos orientaes cantam ao som da guzla á porta dos cafés de Bagdad, ou nos bazares de Djeddah, a rica.

Esta, não é nenhum d'esses contos côr de rosa que as beduinas entoam junto ao poço da Benção

enchendo o seu cantaro, quando o sol dorme nos braços da tarde; ou que referem os pastores do deserto á hora em que os camelos e as caravanas repousam debaixo da alva tenda e a lua se levanta no horisonte.

Esta é a lenda que recitam os bons crentes, com os olhos fixos na kibla santa e que me contou Aly-Hassan, da tribu dos Bani-el-Vedar.

Ao nascer do sol, Aly estendeu o tapete da oração, ajoelhou e recitou o Fattah.

Quando terminou a sua resa, levantou-se e offereceu-me o cachimbo da amisade: sentám'o-nos e juntos começámos a fumar.

—Sabes tu, christão, me disse elle, a origem d'esta folha cujo perfume estamos aspirando e cujo fumo se eleva até Allah, d'envolta com o aroma das rosas que nossos pés esmagam?

—Não sei musulmano, respondi.

— Que Allah seja bemdito! exclamou, que só aos crentes revellou pela bocca do propheta os mysterios das cousas occultas. De Deus somos e a Deus havemos de voltar. Elle é o Grande!

E pondo novas folhas de tabaco no seu cachimbo, contou-me esta lenda singela mas profundamente religiosa e sevéra.

*
* *

«Uma vez viajava o propheta Mafoma pelos desertos do Yémen.

Era inverno e como fazia frio, os reptis dormiam o somno das noites grandes.

O camelo em que o propheta ia montado poz a pata sobre a guarida de uma vibora, e appareceu então esta completamente inteiriçada.

Teve Mafoma compaixão do pobre reptil, apeiou-se, apanhou a vibora e collocou-a dentro da manga da sua tunica: e o calor deu-lhe novamente a vida.

Então começou a mover-se; e deitando fóra da manga a cabeça disse:

— Propheta, quero morder-te a mão.

— Não sejas ingrata, disse elle.

— Já disse que quero.

— Quando me dês uma prova que eu mereço tal acção, consentirei que me mordas.

— A tua raça, disse a vibora, está sempre em guerra com a minha; a pisada dos teus esmaga os meus e eu preciso vingar-me em ti.

— Mas não se trata agora da tua raça nem da minha, replicou com doçura o propheta: tratamos agora de ti e de mim. Que mal te fiz? Por ven-

tura não acabo de fazer-te um beneficio, dando-te a vida com o calor do meu peito e do meu braço?

— Apezar d'isso quero morder-te; para que de futuro não causes damno nem a mim, nem aos meus filhos, nem a ninguem da minha raça.

— Isso pobre reptil, não seria uma ingratidão? Pagas-me o bem com o mal. Ai de ti que tão mal queres pagar os beneficios.

— Já disse que quero, gritou furiosa a vibora, e juro pelo Deus Grande que hei-de morder-te.

Ao ouvir o nome de Deus o propheta não se atreveu a replicar.

Inclinou a cabeça e disse: Que seu nome seja bemdito! Seus somos e por elle temos a vida.

E apresentou a mão á vibora para que a mordesse.

E a vibora mordeu a sagrada mão do propheta.

Então este possuido de uma viva dor, arrojou a vibora para longe de si, e em nome do Deus Grande, a amaldiçoou, porque fôra ingrata, e com ella a todos os homens que praticassem do mesmo modo.

O propheta applicou em seguida e com força os seus labios á ferida, chupou e extrahiu o veneno da vibora.

E cuspiu-o depois sobre a areia do deserto.

E no mesmo sitio aonde cahira a saliva nasceu uma planta, que cresceu de repente e deitou folhas.

Os arabes que acompanhavam Mafoma quizeram queimar algumas d'aquellas folhas como em holocausto ao Deus Unico, Clemente e Misericordioso que salvára do veneno o chefe dos crentes; e então perceberam o estranho e delicado aroma que as folhas d'aquella planta exhalavam ao queimarem-se.

Desde aquelle dia todos os bons musulmanos fumam as folhas d'aquella herva maravilhosa e benta que o dedo d'Allah faz multiplicar nas areias e nos oasis e aspiram o seu perfume com respeito e prazer, porque o seu sabor participa do amargo do veneno da vibora e da doçura da saliva sagrada do propheta.

*
* *

A folha de tabaco é desde então a delicia dos Kadjis que fizeram a peregrinação á Meca santa; dos Ulémas que ensinam a sabedoria no atrio da mesquita de El-Azahr, que é a fonte d'alegria e luz, e dos filhos da alva tenda que são os reis do deserto.

E tambem desde então, o crente que recebe d'outro musulmano, o sal da hospitalidade á sombra da sua casa ou da sua tenda é obrigado a amal-o e a deixar-se matar em defesa d'elle, se fôr preciso, porque é seu irmão, e porque a maldição do propheta pésa sobre a cabeça dos ingratos que não poderão ver a luz clara do Paraiso na noite da sua morte.

*
* *

Esta é a lenda da folha de tabaco que se transmitte de tribu em tribu pelos velhos crentes atravez das gerações e dos seculos, para ensino dos musulmanos e gloria d'Allah, cujo nome seja bemdito.»

Concluida a lenda tratámos de dormir.

Partimos no dia seguinte de madrugada, quando os raios do sol mal despontavam no horisonte e a cidade principiava apenas a despertar d'esse somno languido tão proverbial no oriente.

Durante o longo trajecto do vapor ao caes ia recapitulando na minha mente essas phantasticas narrativas que lêra na mocidade; *As mil e uma noites*, as explendidas descripções do cantor dos *Martyres*, tudo me assaltava o espirito, fazendo-me sonhar acordado.

Era pois o verdadeiro oriente que tinha diante dos olhos, era a terra d'essas suaves lendas côr de rosa, a terra do propheta, vedada durante tantos seculos aos christãos, que ia pisar.

Entregue a estes e outros pensamentos que apenas eram interrompidos pelas reflexões sempre judiciosas do meu excellente amigo o dr. Joaquim Almeida da Cunha, espirito cultivado, que a uma illus-

tração não vulgar reune a rara qualidade de attrahir os companheiros pela sua instructiva conversação, fui por um estremecimento do barco advertido da chegada ao cáes.

Saltámos em terra.

Entrâmos n'uma vasta praça de fórma rectangular onde se viam indolentemente deitados sobre fardos e caixas, uns tres mil mahometanos.

Eram peregrinos que vinham de Meca e que esperavam a hora de embarcar.

Aqui e ali, numerosos camelos estavam igualmente deitados, procurando com os olhos tristes uma herva que não existe em toda a praça.

A peregrinação a Meca attrahe todos os annos a Djeddah uma multidão incalculavel de musulmanos.

Da Europa, da Asia, e especialmente da Africa, afluem numerosos sectarios de Mafoma dirigindo-se á cidade santa, onde prégou e morreu o propheta.

Numerosas caravanas organisando-se umas em Djeddah, outras que já vêem completas do Egypto dirigem-se para Meca, bastante fortes para resistirem aos ataques dos beduinos.

Estas caravanas são importantissimas, porque os peregrinos, que são tambem commerciantes, trazem no regresso a Djeddah valores importantes representados em estofos da India, chailes, gommas, perfu-

mes, perolas, e sobre tudo esse delicioso café do Yemen conhecido pelo nome de Moka.

Para se entrar na cidade, passa-se uma porta de architectura arabe, onde uma sentinella turca, rôta e esfarrapada dá ao estrangeiro uma triste idéa do exercito ottomano.

Esta porta chama-se Porta de Djeddah.

Djeddah como Hodeida, Moca e outras cidades do littoral reconhecem a soberania do sultão, porque a sua situação topographica as poz ao alcance da artilheria dos seus navios. A uma legua porem para o interior, já o Padischa não governa. No deserto, que principia apenas se passa a porta de Meca, campeia o soberbo e temido beduino, que não conhece senhor nem rei e que livre como as aves só respeita o numero e a força.

As caravanas carregadas de preciosidades são sempre numerosas e bem escoltadas porque teem a certeza de encontrarem no seu caminho esses temiveis salteadores.

A guarnição turca de Djeddah, da qual vimos um exemplar na sentinella da porta, mostra-nos depois nos soldados, sargentos e officiaes que vimos a pouca attenção que o governo de Abdul-Hamid dedica áquella cidade da Sublime Porta; soldados rôtos e esfarrapados, sargentos pedindo esmola, officiaes descalços e sebentos tal é o triste espectaculo que

nos apresenta a milicia do chefe dos crentes n'aquelle seu dominio.

Penetrâmos no interior da cidade.

A custo se póde dar um passo. Uma enorme multidão nos impede o caminhar. Lançâmos a vista em torno de nós e vimos typos e vestuarios completamente extranhos, o arabe, o circassiano, o mouro, o kalmuco, emfim, no espaço de cinco minutos que estivemos parados passaram ante nossos olhos, como em um gigantesco kaleidoscopo, milhares de homens representando differentes nacionalidades e diversas raças, mas todos sectarios da mesma religião.

Quizemos continuar o nosso caminho, mas só depois de inauditos esforços conseguimos entrar n'um café.

Ahi, sobre uma pequena varanda onde estavam collocadas mesas e cadeiras, sentám'o-nos vendo desfilar pela nossa frente os mais phantasticos trajes que é possivel imaginar. Olhando aquellas enormes vagas humanas que se moviam em differentes direcções, parecia estarmos assistindo a um grandioso baile de mascaras tal era a diversidade de trajes e cores.

Não é facil descrever tão imponente espectaculo.

Oitenta mil peregrinos estavam em Djeddah n'aquelle dia e parecia que se tinham dado *rendez-vous* n'aquella pequena praça e ruas proximas.

Imagine-se n'uma cidade pequena uma tal affluencia de gente e poderá suppor-se como estariam as principaes ruas e especialmente esta praça que vae desembocar ao cáes.

Depois de saborearmos como os verdadeiros crentes uma chavena do delicioso Moka, aproveitámos a occasião em que a turba era menos compacta para nos dirigirmos ao bazar.

Seguimos por uma estreita rua, cheia de pequenas, escuras e immundas lojas onde se encontram os productos mais raros e ricos da industria china, japoneza e arabe.

Causa tedio ver esses infelizes, acocorados n'uma pequena loja em que se não podem mover, apresentar ao estrangeiro tudo o que o Oriente produz de mais curioso. Causa lastima pensar que esses miseraveis entes vivem annos mettidos n'aquellas mal cheirosas bocetas, respirando um ar viciado sob uma temperatura de abrasar.

Deixando essa rua e voltando á esquerda entrámos no bazar.

O aspecto é tão extraordinario que ainda nos maravilhâmos ao lançar a vista por essa larga rua coberta de taboas, na qual de um e outro lado se encontram magnificas lojas e armazens [1]. N'estas

---

[1] Magnificas em relação ás lojas que existem nas outras ruas.

lojas, ao contrario do que se imagina, encontra-se tudo o que as industrias franceza, belga e allemã produzem.

A affluencia de peregrinos é enorme, a par de nós caminhavam vagarosamente esses pobres animaes destinados ás longas travessias do deserto, que supportam com extraordinaria paciencia a fome e a sede.

O grito de Melek ou Maleke dado pelo conductor, é o aviso dado para nos affastarmos do camelo que passa pelo Chiado de Djeddah.

Depois de termos percorrido o bazar em toda a sua extensão démos uma volta pela cidade afim de examinar os edificios e as demais ruas.

A melhor casa de Djeddah é a do consul inglez, pelo menos exteriormente. Os lavores, que encontrámos nas paredes de todas as casas imitando os azulejos, são realmente dignos de contemplação, não o sendo menos os balcões das janellas, que perdendo muito do seu valor quando examinados de perto, são entretanto notaveis pelos trabalhos de ornamentação.

As janellas de madeira ordínaria, todas arrendadas, seriam de extremo valor n'uma cidade da Europa, porque ao trabalho do arabe juntar-se-hia o gosto e a perfeição do europeu.

Faz pena vêr portas ricamente rendilhadas, bal-

cões de egual trabalho artistico, de madeira despolida e sem que no resto d'essas casas se divise o mais pequeno indicio de civilisação ou progresso.

Estes mesmos defeitos tornam curiosa a cidade, fazendo-lhe porem perder muito a belleza que de longe se phantasiava.

As ruas de Djeddah são estreitas, tortuosas e sujas como as de todas as cidades musulmanas, sendo Djeddah a que pela extraordinaria agglomeração de peregrinos mais soffre, pois raro é o anno em que o flagello denominado peste não faz numerosas victimas.

Depois de percorrermos as principaes ruas e termos visto da porta de Meca o deserto do Yémen, voltámos ao café ou *restaurant* em que estiveramos de manhã, e tratámos de repousar das fadigas de um dia tão cheio de sensações.

Alguns dos nossos companheiros de viagem e os missionarios francezes tinham vindo a terra.

O abbade Guillaud já pratico d'esta localidade foi encarregado de nos organisar o jantar. Depois de larga discussão com o dono do *restaurant* veio participar-nos que apezar da sua boa vontade o Véfour de Djeddah apenas nos podia dar o seguinte *menù*, Macarroni e vitella assada. Como em Port-Said o *espirito* francez substituiu a falta de iguarias.

A's 6 horas e meia embarcavamos e n'essa occasião voltando-me para Djeddah exclamei como se fôra um verdadeiro musulmano, emquanto os meus companheiros discutiam a paga do transporte com uns beduinos disfarçados em barqueiros.

*Gloria a Allah o clemente e misericordioso*

A volta ao vapor fez-se mais agradavelmente, o tempo refrescára um pouco; eramos mais companheiros e a conversa do jantar prolongava-se na pequena embarcação. As invectivas e as apostrophes contra os inglezes que tão mal nos alimentavam a bordo, choviam como saraivada de balas.

Um dos missionarios propoz a vingança.

Acceitamos a proposta se ella fôr digna de nós, exclamámos todos.

Pois bem a vingança será esta, exclamou o referido missionario.

E com uma excellente voz de barytono começou a cantar aquellas satyricas coplas que tanto incommodam os inglezes.

Malborough vá t'en guerre
Mironton, tonton, mir ntaine

Applaudimos a lembrança e pouco tempo depois quinze vozes rasoavelmente afinadas, attenta a falta de ensaios, entoavam em côro essa canção.

Ao chegarmos a bordo estavam os passageiros encostados á amurada ouvindo o nosso canto e talvez pensando que se approximava, em lugar d'um barco arabe, uma d'essas gondolas que em noites de luar passeiam pelos canaes de Veneza.

No outro dia á 1 hora da tarde diziamos adeus aos vendedores ambulantes que tinham convertido o tombadilho do *Gôa* n'uma succursal do bazar, depois aos bancos de coral, depois aos vapores e por fim a Djeddah.

Ao voltar os olhos para a cidade, que já pouco se via, proferi ainda estas palavras.

«Adeus mãe das cidades, gloria ao nome d'Allah que é o clemente e o misericordioso.»

Meia hora depois o vapor caminhava ao longo da costa em direcção a Hodeida.

## VII

Bordo do *Gôa*, 27 de Novembro

MEU BOM AMIGO:

Dois dias levamos de Djeddah a Hodeida, e n'essas quarenta e oito horas nada de notavel occorreu a bordo, a mesma vida, o mesmo calor, quasi que as mesmas conversas, e a não ser a recordação da cidade que deixavamos que differentes vezes me occupava a imaginação, poderia dizer-se que a viagem de Port-Said não fôra interrompida.

Devo confessar que apezar da descripção que atraz deixo feita, Djeddah hade conservar-se eternamente na minha memoria, porque ao vêl-a experimentei uma das sensações mais extraordinarias da minha vida.

Era uma cidade verdadeiramente oriental, aquella em que o progresso e a civilisação européa menos tem penetrado.

Quem tem viajado soffre a cada passo crueis desillusões comparando a realidade com as descripções mais ou menos phantasistas dos seus auctores.

Quem se não tem extasiado ante as descripções poeticas da formosa rainha do Adriatico?

Quem não terá querido ver de perto essa luxuriante vegetação da India?

Quem não desejaria ver essas cidades orientaes onde as cupulas e minaretes se vão desenhar no azul do firmamento?

Todos.

Pois bem a verdade é que a par d'estas bellezas, e como todas as cousas d'este mundo, estão immediatamente os terriveis contrastes desfazendo-nos o ideal que tinhamos creado.

Veneza é formosa sem duvida, tem a originalidade que nenhuma outra cidade possue, mas em compensação é uma cidade morta; ali não se ouve o alegre ruido que é a vida das cidades, um silencio sepulchral é interrompido de quando em quando pelo monotono grito dos gondoleiros ao dobrarem a esquina da rua. Os canaes não teem essa agua crystalina que possuem os lagos da Enghien ou da Escossia, mas sim uma agua escura, lugubre, como a historia da famosa republica e do conselho dos Dez. Se é poetico ouvir fallar nas gondolas que deslizam pelos canaes, é excessivamente prosaico ao lançar a

vista pela pequena janella do *felze* descobrir toda a qualidade de immundicies que são lançados dos palacios patricios.

Desculpem aquelles que viram Veneza que eu esteja em completo desaccordo com os que elevam esta cidade aos pincaros da celebridade.—Como cidade historica ha muito que admirar nas suas egrejas especialmente em S. Marcos, nos seus soberbos palacios, na sua bella praça, nos seus magnificos museus e estabelecimentos, mas não é cidade que me convidasse a viver como tantas outras que ha na europa.—A todas as bellezas de Veneza oppõe-se a monotonia da vida, a falta de animação, a immundicie dos seus canaes, o nevoeiro matutino permanente, e a insalubridade da cidade.

Essa India tão famosa, tão encantadoramente descripta por Mery e outros romancistas tem decerto captivado os leitores inspirando-lhes o desejo de contemplarem essa natureza esplendida, onde o creador fez brotar uma gigantesca vegetação que só nos tropicos se pode admirar.

Mas que valem os boababs corpulentos, as admiraveis mangueiras, os esplendidos platanos, a soberba vegetação que a cada momento nos tolhe os passos, se a atmosphera nos mata com um calor suffocante, se os nossos pés caminham por sobre toda a casta de reptis venenosos, cuja picada é a morte, se esses

opulentos juncaes são a guarida do tigre, da panthera e do leão sempre promptos a saltarem sobre a victima, se a chuva nos hade encharcar logo de manhã para depois o sol vir com toda a sua força enxugar-nos, que valem todas estas bellezas se as febres nos roubam dias e annos de vida? Naturesa esplendida, e a morte a cercar-nos por todos os lados.

As cidades orientaes são o enlevo de quem tem lido as descripções de Chateaubriand, mas a civilisação europea entrando no interior das cidades mais affastadas, tudo tem mudado e de tal sorte que hoje procura-se o Oriente e encontra-se a Europa.—Percorre-se o norte d'Africa desde Marrocos até Port-Said e vêem-se edificações européas, vae-se ao Egypto e á Turquia e encontra-se o traje europeu, conservando os naturaes apenas o *fez* como recordação ou como distinctivo da sua raça. Se a architectura se tem conservado fiel e n'ella vêmos a historia d'esse povo, no demais encontramos no bom, o gosto europeu e na falta d'aceio das cidades orientaes tambem o distinctivo d'essa raça.

Djeddah como Hodeida apezar de edificadas no littoral são as que mais têem resistido á influencia européa, e é por esse motivo que muito me surprehendeu o contemplar a cidade em que não se encontra o mais pequeno indicio de uma transição.

É o oriente na sua primitiva fórma.

Entregue a estes e outros pensamentos foram passando as horas e no dia 20 á meia noite lançavamos ferro em frente de Hodeida.

Na madrugada de 21 quando subi ao tombadilho, estava o vapor cercado por uma infinidade de barcos que vinham receber carga para a cidade.

Hodeida mal se via de bordo, uns pontos brancos na costa indicavam-nos as casas da cidade. O vapor demorava se pouco e como a distancia a que estavamos de terra fosse grande ninguem se aventurou a desembarcar, e muito menos depois que o abbade Guillaud nos disse que em terra nada teriamos que ver nem onde nos abrigassemos do sol.

Como o *Gôa* não tocava n'esta viagem em Moka e sendo Hodeida a cidade da Arabia mais proxima conseguimos que nos trouxessem de terra esse precioso café que á tarde saboreámos com verdadeira satisfação.

Assim como a cerveja é a bebida predilecta dos povos do norte da Europa, o vinho a dos povos latinos, a aguardente de canna branca (cachaça) a dos pretos, o chá preto a dos asiaticos, o café é a bebida favorita dos mahometanos.

São differentes as lendas do café. A tradição diz que foi na Persia que primeiro appareceu esta planta que depois foi transportada para o Oriente. Conta-

se que um molah, em tempos bem affastados, apoquentado por ver que um somno continuo o obrigava a interromper as suas preces e orações, invocara o propheta para que lhe désse um meio de vencer tal somnolencia.

O propheta attendeu a supplica do molah, e enviou-lhe um pastor, que o conduziu a um cafezeiro, e ahi contou que as suas cabras depois de haverem comido os fructos d'aquella arvore, saltavam toda a noite. O molah toma uma forte infusão das taes bagas e passa a noite immediata em deliciosa insomnia. Apenas o molah se convenceu do effeito que lhe produziu a infusão chamou os seus derviches a quem contou a descoberta, estes imitam-o e dentro em pouco torna-se geral no oriente o uso do café.

Mas se o café fôra proveitoso para o molah, os crentes começaram a preferir as lojas, onde elle se vendia, ás mesquitas; ao mesmo tempo que os amadores do café se multiplicavam, diminuiam consideravelmente os musulmanos nas mesquitas. Então os sacerdotes vendo o abandono a que foram votados os seus templos, começaram a anathematisar a bebida que outr'ora elles tanto tinham elogiado. Quanto mais perseguido foi o café mais adeptos conquistou, e a tal ponto se desenvolveu o gosto por esta bebida que só no Cairo existiam já no seculo XVII duas mil lojas onde elle se vendia.

Um auctor arabe do seculo xv diz que foi um mophti de Aden que fez primeiro uso da maravilhosa bebida que já então era conhecida na Persia.

Entre o povo porém é crença geral que a primeira bebida que se fez de café, foi preparada pelo anjo Gabriel para curar Mafoma, que andava doente e aborrecido.

O café tem tido differentes nomes, e alguns bem pomposos, taes como: Licor dos sabios, Hypocrene de Voltaire, facilitador de digestões, desanuviador de cuidados, etc.

Em França o uso do café foi introduzido em 1669 por Soliman Agá, embaixador da Persia junto de Luiz XIV. Só pessoas d'alta linhagem o tomavam a principio.

O turco quando casa faz a promessa solemne de empregar os meios necessarios para que nunca falte o café a sua mulher.

O café entre os orientaes produz quasi os mesmos effeitos que o chocolate entre os hespanhoes.

O chocolate na opinião de um illustrado escriptor hespanhol era o symbolo da amisade, da hospitalidade e da familia. Era o thema obrigado de todos os baptisados e duellos, a introducção de todas as visitas, o preludio das negociações entaboladas para se pedir a mão de uma donzella, ou contractar a compra de uma quinta, o preço da amisade de al-

gum reverendo que ensinava a doutrina aos rapazes, tratava dos negocios do senhor pae e limpava cuidadosamente todas as semanas a consciencia da senhora mãe; era o presente tradicional das freiras ao seu prégador e ás visitas; o pretexto para entrar em casa da noiva, o confidente de mais de um enredo, era finalmente o comestivel mais revolucionario d'aquella epoca de atonia moral.

Pois se o chocolate desempenhava estes papeis na scena da vida hespanhola, o café áparte as differenças que occasionam as oppostas religiões, os effeitos eram quasi identicos, e se os frades hespanhoes diziam que o chocolate para ser bom, devia ser de Caracas, ser alheio e ser servido com amor, os musulmanos poderão tambem dizer que o café para ser bom deve ser de Moka, offerecido por um amigo e servido com amor.

A's duas horas da tarde e depois de vermos fugir de nós as barcaças cheias de gente que estivera trabalhando a bordo, o *Gôa* fez-se ao mar com destino a Aden.

O mar Vermelho é ordinariamente tranquillo e manso mais parecendo um lago do que propriamente um mar, é para elle que se reservam os concertos a bordo dos grandes vapores francezes da linha de Marselha a Shanghai e mesmo os inglezes da *linha peninsular*, é ahi que não ha perigo que as se-

nhoras enjoem e portanto a sua comparencia é certa. Pois a nossa travessia de Hodeida a Aden, por uma excepção fez-se sempre debaixo d'uma ventania intoleravel e com um mar encapelado, vindo não poucas vezes a onda lavar-nos o tombadilho e parecendo mostrar-nos que se o mar Vermelho é de ordinario excessivamente tranquillo, quando quer pode mostrar-nos a sua força e nós tivemos durante as horas que dura a viagem de Hodeida a Aden a certeza que em occasiões d'aquellas o mar Vermelho vale tanto como outro qualquer mar em questão de força. Os passageiros que tinham escapado ao terrivel *mal de mer* baqueiaram n'estes dias e só levantaram cabeça quando se avistou Aden.

## VIII

Hotel de l'Univers em Aden, 30 de novembro.

AMIGO BRITO:

Chegámos a Aden no dia 27 ás 6 horas da manhã.

Aden está situada na Arabia Feliz na extremidade S. O. da Peninsula e ao sul do Imanato do Yemen.

A cidade antiga dista quatro milhas do caes; proximo d'este e formando um semi-circulo ha alguns hoteis, bazares e agencias das companhias de vapores.

A impressão que o viajante soffre ao fundear na vasta bahia d'Aden não é decerto agradavel. A aridez do deserto continua a ver-se em Aden, que sobreleva a Djeddah e Hodeida na triste perspectiva d'uma cordilheira de elevados montes, despidos da

mais pequena vegetação e que parecem calcinados durante seculos pelo sol abrazador d'aquella latitude.

O semi-circulo onde se vêem algumas casas regulares e que é inquestionavelmente o ponto mais commercial e maritimo é conhecido pelo nome de *Steamer-Point.*

As fortificações, a aridez do terreno, e o serviço feito pela guarnição far-nos-ia crer que voltámos a Gibraltar a não sermos atacados pelos arabes que nos offerecem burros, cavallos e carruagens para visitar a cidade e pelo extraordinario calor que ali se sente.

Quando um vapor fundeia em Aden, chega logo uma quantidade immensa de barcos de construcção especial, destinados uns a fornecerem carvão para os paioes do vapor, outros a receberem a carga e bagagens dos passageiros que seguem para Bombaim, Kurrachee ou costa oriental d'Africa.

Em Aden reunem se tres vapores pelo menos d'esta companhia. O vapor em que vim de Lisboa e que segue para o golpho Persico sendo o *terminus* da viagem Kurrachee; outro que veio de Bombaim a Aden que recebe passageiros para Zanzibar, Moçambique e seus districtos, outro finalmente que veio d'estes portos e que traz passageiros para Lisboa, Kurrachee e portos da India.

Nos barcos que, como já disse, se approximam dos

vapores vêem uns rapazes que pedem em altas vozes aos passageiros para deitarem algum dinheiro em prata ao mar, e elles mergulham logo indo apanhal-o muitas vezes a grande profundidade.

Durante algumas horas ouve-se uma infernal gritaria dos negros pedindo em francez que deitem dinheiro; os gritos — *à la mer, à la mer, oh! oh! bakhchichs* — são tão repetidos, que ainda mesmo depois de se estar em terra se leva por muito tempo nos ouvidos aquella toada.

Quando desembarco sou assaltado pelos cocheiros que me querem levar á cidade; livre d'esta praga sou immediatamente rodeado pelos pequenos arabes que munidos de ventarolas de palha me offerecem os seus serviços enxotando as moscas e refrescando-me a temperatura; livre d'estes obsequiadores indigenas consigo entrar no hotel do Universo e ainda aqui vem a terceira praga assaltar-me quando eu começava a tomar um refresco. Esta terceira praga são os judeus vendedores de pennas d'abestruz que á porfia disputam a felicidade de enganar o christão vendendo-lhe pennas por quatro e oito vezes o seu valor. O estribilho d'estes vendedores é em inglez, e querendo mostrar o valor da sua mercadoria, embora se reconheça serem pennas ordinarias, elles vão sempre exclamando — *very fine, very fine — numer one — eight rupees.*

Na varanda do hotel onde estes incommodos vendedores me importunam, apezar da eloquencia com que a bengala dos creados do hotel lhes falla nas costas, espero hora propicia para ir ver a cidade antiga.

Em Aden vêem-se dois typos perfeitamente distinctos, o arabe e o soumali (negro do continente fronteiro).

Os soumalis com um preparado de cal tornam louros os cabellos, o que lhes dá uma apparencia exquisita mas não desagradavel; dir-se-íam figuras d'ebano com cabellos d'ouro.

Usam colares com pedaços d'ambar enfiados.

Eguaes enfeites usam as mulheres nos braços, no pescoço e nos tornozelos.

No *Steamer-Point* ha tres hoteis sendo o melhor o *Hôtel de l'Univers*, onde esteve hospedado o principe de Galles no seu regresso da India.

Ha boas lojas, onde se encontram os mais ricos productos da industria indiana, japoneza e chineza, sendo a principal a do consul portuguez, que tem por firma — *Cowasjee Dinshaw and Brothers.*

Ha um pequeno café, que em certas épocas do anno tem alguns concertistas e que é o ponto de reunião dos europeus.

Outro supplicio que soffre o viajante que desembarca em Aden é a offerta que os judeus e arabes

lhe fazem a cada passo para a troca de rupias por libras sterlinas.

O cambio n'aquella occasião era de doze rupias por libra.

Passada a força do calor e graças á amabilidade do nosso consul, que poz a sua carruagem á disposição d'alguns passageiros, dirigimo-nos para a cidade.

Era a continuação de Djeddah e de Egypto, a mesma aridez — elevadas montanhas sem a mais pequena sombra de verdura. De distancia a distancia vêem-se á beira-mar enormes machinas de distillação. Em Aden não ha agua e passam-se annos que não chove.

Para remediar esta falta têem os inglezes aquellas poderosas machinas que distillam a agua do mar, que é depois transportada em odres sobre o dorso dos camelos.

Ao entrar na cidade reconheço immediatamente as precauções de Gibraltar, e se em Aden não são tão severas as ordens como n'aquella praça, entretanto a defesa é muito semelhante; o serviço é feito como o deve ser n'uma praça de guerra. As fortificações de Aden, se não são tão poderosas como as de Gibraltar, no entretanto para o inimigo provavel, que são os arabes, estão em condições de prestar boa defesa. Penetra se na cidade por duas portas, am-

bas defendidas por uma forte guarda ou seja de cypaios indios ou de infanteria de linha. Entrando pela porta do lado de terra, passam-se dois magnificos tunneis no extremo dos quaes se vê logo a povoação; entrando pela porta do lado do caes, que é a mais proxima, ainda se anda perto de uma milha para chegar ao coração da cidade.

Aden está edificada na base de uma cordilheira de aridas montanhas; parece que na sua edificação se obedeceu mais aos preceitos estrategicos do que aos hygienicos. Occupa uma extensa area sendo todas as casas de um só andar. Ha alguns edificios particulares bons e soffriveis igrejas. O bairro arabe participa, como os orientaes, d'aquella fatalidade inherente a essas raças, isto é, immundo e miseravel.

O que ha de mais notavel em Aden são as cisternas ou reservatorios, que são visitados por todos os extrangeiros que passam ali.

Esses enormes reservatorios talhados na base das montanhas e destinados a receberem a agua da chuva, quando de annos em annos cahe, foram principiados pelos portuguezes, primeiros senhores de Aden e concluidos pelos inglezes, que ahi se estabeleceram definitivamente em 1839. Devido aos cuidados de um guarda das cisternas, vêem-se ali algumas arvores e plantas que causam notavel contraste no meio d'aquella aridez.

Ha vinte cisternas ou reservatorios de differentes tamanhos e capacidades.

As oito primeiras recebem as seguintes quantidades d'agua:

A cisterna n.º 1 — 1:225:424 galões
» » n.º 2 — 64 881 »
» » n.º 3 — 21:011 »
» » n.º 4 — 160:387 »
» » n.º 5 — 135:919 »
» » n.º 6 — 70:944 »
» » n.º 7 — 396:964 »
» » n.º 8 — 4:615:273 »

As restantes não teem marcada a capacidade.

D'estas vinte cisternas, 11 são do governo e 9 de particulares. D'estas nove, duas são do consul portuguez.

Quando passei não havia nem sombra d'agua em nenhuma das cisternas.

Em occasiões de secca, 100 galões d'agua custam de duas a tres rupias.

Os quarteis são magnificos pelas suas excellentes condições hygienicas. Não só o local onde estão situados é o mais apropriado, mas o systema de ventilação é tão perfeito, que o soldado inglez sahido dos climas frios do norte faz o destacamento de onze annos, na India ou Africa, e regressa á patria cheio de vida e saude como se em lugar de viver esse tempo n'aquellas regiões tivesse estado na Irlanda ou na Escossia.

A policia exerce-se brutalmente, não sendo raro ver um policia espancar um miseravel judeu que se lembra de pedir por um masso de dez charutos 4 rupias.

Estes actos brutaes de justiça e a oppressão que se exerce sobre os povos dominados, teem dado logar a revoluções que não são mais que represalias e de que temos exemplos bem frisantes na celebre revolta dos hindus em Lucknow e na dos negros na Jamaica.

Uma bateria d'artilheria collocada em excellente posição está sempre prompta a metralhar a população, que por seu lado está igualmente prompta a sublevar-se.

Houve uma época, que não vae muito longe, em que o viajante que se aventurasse a sahir da cidade sem levar comsigo uma forte escolta era irremediavelmente assassinado. Um official da marinha franceza, que se arriscou a um passeio para o interior, foi ferido traiçoeiramente com uma punhalada na perna, devendo a vida á ligeiresa do cavallo; e como este podia citar innumeros exemplos.

Os cavallos arabes, tão fallados como os primeiros do mundo, dividem-se em dois grupos distinctos, o chamado *kadishi* que é a raça commum e de que vejo exemplares nos que tiram as victorias e americanas d'aluguer, e o chamado *kochani*, raça nobre e

que os indigenas affirmam descender das cavallariças de Salomão. Representantes d'este grupo não vi em Aden. Alguns cavallos de particulares que vi bem ajaezados pareceram-me dos *kadishi,* mais bem alimentados e limpos que os seus congeneres de praça.

No dia 28 chegou a Aden o vapor *Java* da mesma companhia, mas da linha de Bombaim a Lourenço Marques.

Depois da nossa bagagem ser transportada para o novo vapor e de nos termos installado a bordo do *Java* voltámos ao *Gôa*, para nos despedir dos nossos companheiros de viagem, inglezes, que seguiam para Kurrachee e Bombaim. Fomos excellentemente acolhidos por todos elles que levantaram com Champagne enthusiasticos brindes aos passageiros portuguezes, fazendo calorosos votos pela nossa feliz viagem, votos e brindes a que correspondemos com igual sinceridade.

O commandante do *Gôa*, sir Alexander Hay, foi pessoalmente a bordo do *Java*, apresentar-me ao seu commandante, sir Williams Magenis, cavalheiro distinctissimo. que junta a uma finissima educação um genio tão alegre, que immediatamente captou as sympathias dos passageiros, que ficaram reduzidos ao grupo portuguez, aos missionarios e a um irlandez que ia tomar o commando de um vapor que navega no Nyassa e Chire.

## IX

Bordo do *Java*, 4 de dezembro.

Meu caro amigo:

Apenas a bordo do novo vapor, disse-me Magenis que ainda teria de esperar até ao dia 1.º de dezembro. Como n'esta tarde os missionarios trouxessem o harmonium para o tombadilho com o louvavel fim de passarem a noite entretidos, o commandante vendo que havia tocadores, trâtou logo de organisar um concerto para a noite de 29 de novembro.

Disse-me que em Aden havia o consul hollandez, que era um musico e cantor de primeira ordem e que o iria convidar para a nossa festa.

Effectivamente no dia marcado, á tarde, vinha para bordo do *Java* um piano pertencente ao consul. O tombadilho foi illuminado com varias lanter-

nas e a claraboia da camara foi transformada em bufete.

Ás 7 horas da noite chegou a bordo do *Java* o consul hollandez que depois das apresentações se sentou ao piano e tocou alguns trechos de musica com notavel correcção. Os missionarios cantaram alguns coros, o pharmaceutico Moreira cantou umas seguidillas, o padre Menard uma canção franceza, Magenis umas arias da Escossia, o inglez que ia para o Nyassa tambem nos fez ouvir algumas canções da Irlanda, e finalmente o consul hollandez cantou algumas cousas, que me fez descrêr muito da sua tão apregoada voz como cantor de merito. Era tão habil pianista quão insignificante no canto, não podendo competir com o mais reles cantor de theatro de provincia.

O serviço a bordo, feito por conta do commandante, foi magnifico.

A' meia noite retirava-se o consul depois de protestar as suas sympathias pelos passageiros do *Java* e offerecendo a todos o seu prestimo n'aquella cidade.

O dia 30, vespera da nossa partida, foi destinado a dizermos o ultimo adeus á cidade e ao consul portuguez, e á noite voltámos a bordo cheios de compras destinadas a presentes.

No dia 1 de dezembro á mesma hora em que as

philarmonicas percorrem as ruas de Lisboa tocando o hymno da restauração e que milhares de foguetes são lançados ao ar depois do toque d'alvorada feito na praça de D. Pedro, o *Java* levantava ferro e navegava com destino a Zanzibar, ultimo porto d'escala em que tocava antes de Moçambique.

## X

Bordo do *Java*, 13 de dezembro de 1880.

MEU AMIGO:

Deixei Aden e tenho na minha frente a maior tirada da viagem.

Sahindo o estreito de Bab-el-Mandeb apenas avisto Guardafui, depois de dobrar este cabo só vejo terra quando o vapor mette prôa ao canal que cerca a ilha de Zanzibar.

Os nove dias que levei de Aden a Zanzibar não os descrevo porque além de nada de notavel ter occorrido a bordo, a diminuição consideravel de passageiros, o incommodo e o mau estar em que me achava depois de uma tão longa viagem, obrigava-me a procurar o isolamento que parecia o unico remedio para o *spleen* que atacara todos os passageiros.

gava ver passar diante de mim os vultos respeitaveis dos antigos capitães portuguezes. Parecia que á semelhança dos phantasmas que nas cavernas da Escossia appareciam a Macbeth, assim iam deslisando pela minha frente, primeiro João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, depois Cabral, Gil Annes, Pedro de Cintra, Sueiro da Costa, Diogo d'Azambuja, Diogo Cam, e finalmente Bartholomeu Dias e Vasco da Gama, figuras venerandas dos primeiros navegadores lusitanos. Toda esta immensidade de recordações historicas me assaltava a mente ao observar esta cidade. Procurava recompôr o passado brilhante de Portugal, a epoca da nossa grandeza e infelizmente só nas tradições a encontrava, a realidade era humilhante. Os feitos heroicos dos nossos maiores encontram-se apenas nas paginas da nossa historia, pouco conhecida dos extrangeiros e tambem dos nacionaes.

No dia immediato de madrugada fui a terra. O porto estava cheio de navios, alguns de guerra inglezes, outros pertencentes ao sultão, alguns vapores destinados ao commercio, navios de recreio do sultão, e muitos pangaios de mouros.

Entre estes navios avulta o enorme casco de uma nau de tres pontes que serve de hospital e onde os navios inglezes da estação naval deixam os seus *doentes*. Estava tambem ali um grande vapor per-

tencente á companhia do telegrapho submarino. Dois vapores com a bandeira vermelha e o crescente com estrella branca e destinados á linha de Zanzibar a Bombaim, foram ultimamente comprados pelo sultão, que entendeu estabelecer por sua conta aquella carreira.

Desembarquei no caes e subindo pelas escadas que dão ingresso para o *boulevard* acho-me na praça principal, limitada ao fundo pelo palacio do sultão, á esquerda pelo harem e á direita pelo muro da alfandega e torre do relogio.

O palacio do sultão não passa exteriormente de uma habitação vulgar com tres ordens de varandas correspondentes ao rez-do-chão e dois andares. Na varanda do rez do-chão é onde está a guarda do palacio, na varanda do primeiro andar para a qual dão seis janellas é onde o sultão apparece a receber a continencia dos seus soldados.

É n'este pavimento que estão as salas de honra onde são recebidos em audiencia particular os estrangeiros que sollicitam a graça de comprimentarem Sua Alteza.

Pouco depois do nosso desembarque soubémos que se realisaria o render da guarda e a continencia pela infanteria de linha[1].

[1] Parte d'estas informações foram publicadas no *Exercito Portuguez*, n.º 61.

gava ver passar diante de mim os vultos respeitaveis dos antigos capitães portuguezes. Parecia que á semelhança dos phantasmas que nas cavernas da Escossia appareciam a Macbeth, assim iam deslisando pela minha frente, primeiro João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, depois Cabral, Gil Annes, Pedro de Cintra, Sueiro da Costa, Diogo d'Azambuja, Diogo Cam, e finalmente Bartholomeu Dias e Vasco da Gama, figuras venerandas dos primeiros navegadores lusitanos. Toda esta immensidade de recordações historicas me assaltava a mente ao observar esta cidade. Procurava recompôr o passado brilhante de Portugal, a epoca da nossa grandeza e infelizmente só nas tradições a encontrava, a realidade era humilhante. Os feitos heroicos dos nossos maiores encontram-se apenas nas paginas da nossa historia, pouco conhecida dos extrangeiros e tambem dos nacionaes.

No dia immediato de madrugada fui a terra. O porto estava cheio de navios, alguns de guerra inglezes, outros pertencentes ao sultão, alguns vapores destinados ao commercio, navios de recreio do sultão, e muitos pangaios de mouros.

Entre estes navios avulta o enorme casco de uma nau de tres pontes que serve de hospital e onde os navios inglezes da estação naval deixam os seus doentes. Estava tambem ali um grande vapor per-

tencente á companhia do telegrapho submarino. Dois vapores com a bandeira vermelha e o crescente com estrella branca e destinados á linha de Zanzibar a Bombaim, foram ultimamente comprados pelo sultão, que entendeu estabelecer por sua conta aquella carreira.

Desembarquei no caes e subindo pelas escadas que dão ingresso para o *boulevard* acho-me na praça principal, limitada ao fundo pelo palacio do sultão, á esquerda pelo harem e á direita pelo muro da alfandega e torre do relogio.

O palacio do sultão não passa exteriormente de uma habitação vulgar com tres ordens de varandas correspondentes ao rez-do-chão e dois andares. Na varanda do rez do-chão é onde está a guarda do palacio, na varanda do primeiro andar para a qual dão seis janellas é onde o sultão apparece a receber a continencia dos seus soldados.

É n'este pavimento que estão as salas de honra onde são recebidos em audiencia particular os estrangeiros que sollicitam a graça de comprimentarem Sua Alteza.

Pouco depois do nosso desembarque soubémos que se realisaria o render da guarda e a continencia pela infanteria de linha[1].

---

[1] Parte d'estas informações foram publicadas no *Exercito Portuguez*, n.º 61.

Descrever a organisação militar de um paiz europeu é missão facil, porque os dados precisos para esse trabalho encontram-se em publicações de muito valor, e quem o tentar pode perfeitamente apresentar um estudo completo e verdadeiro. Mas descrever a organisação militar de um paiz africano, quasi desconhecido da maioria dos europeus, com pouco tempo de demora no porto e faltando-lhe muitos dados, é tarefa mais ardua. Por isso vou tentar descrever o que vi, auxiliando esta rapida noticia com os esclarecimentos que poude obter.

Zanzibar, graças ao impulso que a vontade de ferro do sultão lhe tem dado, está a caminho do progresso, e podemos affiançar que os esforços empregados por aquelle principe hão de ser coroados do melhor resultado, em vista do seu já avançado desenvolvimento. O exercito divide-se em primeira linha, corpo de persas (élite) e cypaios. A primeira linha conta dois batalhões de infanteria divididos em seis companhias. O corpo d'élite tem duas companhias com sessenta praças, e os cypaios de guarnição na capital attingem uma cifra de tresentos e sessenta homens. Entretanto estes ultimos, podem em caso de necessidade ser extraordinariamente augmentados.

O littoral é defendido e policiado pelos cypaios, cujo numero não é facil conhecer, visto augmentar

ou diminuir, segundo as necessidades e o estado de tranquillidade em que se acharem aquelles pontos.

A tropa de primeira linha usa uniforme todo branco com bonet á ingleza de tampo encarnado com lista amarella. As doze companhias que constituem os dois batalhões, teem o respectivo numero no bonet. Cada batalhão tem um official inglez por commandante, e os dois batalhões estão sob o commando geral do official inglez Mathiews. Este official, que era capitão no exercito inglez, tem no do sultão o posto de coronel, com o vencimento de 60 libras mensaes e casa dada por sua alteza. A este habil official e ao outro capitão que o coadjuva se deve o estado em que se acham os dois corpos d'infanteria, que são certamente na Africa dois corpos modelos em presteza e disciplina. O capitão Mathiews tem feito prodigios com estes batalhões, e por muitas que sejam as recompensas que o sultão lhe conceda, de todas elle é merecedor.

A primeira linha possue boas carabinas Sniders, tendo em lugar da bayoneta, ou sabre-bayoneta, a espada d'abordagem usada pelos marinheiros. O correame é d'atanado amarello, tendo apenas uma pequena patrona que só leva trinta cartuchos. Cada companhia tem sómente um official, cuja patente se ignora, porque n'este exercito não ha escala de promoções, nem tarifas de soldo. A vontade do sultão

suppre todos os almanachs, lista d'antiguidade, etc. Elle sympathisa com um official inferior ou com um estrangeiro que tivesse sido militar, e nomeia-o official com 30$000 réis mensaes, pouco tempo depois nomeia outro individuo official, a quem arbitra só 12$000 réis, etc. O individuo que entra para este exercito, pode estar muitos annos sempre com o mesmo soldo e outro mais feliz pode continuar como official, mas ter augmentos sensiveis no seu vencimento. Entre os officiaes do sultão ha um que foi sargento n'um dos corpos da guarnição de Moçambique e que pediu depois a baixa. É natural da India portugueza, chama-se Corrêa Lorena e, segundo me affirmaram, é parente do conde de Sarzedas.

Assistimos a um exercicio de fogo, que se realisou na praça em frente do palacio e não podémos deixar de notar a igualdade nas descargas e um bem sustentado fogo por filas, que durou aproximadamente vinte minutos, fogo que um corpo europeu não sustentaria melhor. O sultão, que estava na sua varanda vendo o exercicio, sabendo que estavam ali extrangeiros, mandou pôr cadeiras na varanda do corpo da guarda para que assistissemos com mais commodidade ás manobras. O capitão Mathiews mandou igualmente o official Lorena convidar os passageiros militares para entrarem para dentro do quadrado durante o fogo.

As rodas, a continencia e o manejo d'armas foram excellentemente executados. O primeiro batalhão tem uma razoavel banda de musica, com perto de cincoenta figuras; tanto o mestre como os outros musicos, são todos portuguezes de Gôa, como ali chamam aos canarins. Os corpos teem exercicio tres vezes por semana, ás segundas, quartas e sextas, sendo o de sexta feira, de fogo. O sultão recebe a continencia, da varanda do seu palacio. A tropa d'élite ou de persas tem, como disse, duas companhias com os officiaes correspondentes, isto é, seis e um commandante. O fardamento é casaco azul ferrete, extremamente comprido, calça azul e um... não sei que nome possa dar ao que trazem na cabeça... supponha-se uma barretina antiga do exercito, sem pala, nem escamas, nem pennacho, nem emblemas, e ter-se-ha a barretina d'estes soldados e d'estes officiaes.

Os persas são destinados á guarda do palacio do sultão; são elles que tratam da artilheria, sendo ao mesmo tempo os artilheiros. A sua arma é uma comprida espada de cavallaria!!

O sultão tem tambem uma secção de cavallaria que raras vezes apparece e que conta uns 10 ou 12 cavalleiros, cujo serviço se limita a acompanharem como ordenanças a carruagem de Sua Alteza.

Os cypaios é a tropa mais extravagante que é

possivel imaginar-se. Composta de arabes, não tem fardamento nem armamento especial.

A chegada d'estas companhias á praça é muito curiosa. Dir-se-ha ao vêl-as que são um bando de salteadores ebrios; uns armados de espingardas caçadeiras de dois canos, outros de armas de pederneira, outros de enormes espadas, que trazem na mão direita. A musica reduz-se à uns pequenos tambores, que elles tocam com as mãos, acompanhando este toque com os seus gritos de guerra.

São estas as primeiras tropas que se apresentam em parada. É a verdadeira barbarie, são os selvagens na mais ampla accepção da palavra. As suas marchas, os circulos que formam, os duellos que simulam, tendo na mão direita a folha da espada que fazem vibrar com extraordinaria rapidez, emquanto a bainha na mão esquerda lhes serve d'escudo, os saltos que dão procurando cada um ferir o seu adversario em combate singular, os movimentos, ora rapidos como a frécha que corta o ar, ora lentos como as toadas arabes e indianas, tudo isto é tão fóra do vulgar, que attrahe o extrangeiro e o maravilha.

O pret dos soldados regula por tres mil e seiscentos réis mensaes, sendo o fardamento d'officiaes e soldados pago pelo sultão. As praças não são obrigadas a contribuir para o rancho. Cada soldado co-

me onde quer; os officiaes, a não ser em parada ou em exercicio, podem fazer o demais serviço á paizana, e com vestuario muitas vezes menos proprio. Os cypaios não ganham nada. A despeza com o exercito é paga pelo sultão, como dissémos, mas este principe tíra do rendimento da alfandega o preciso para pagamento das suas tropas.

Depois do exercicio pedi a um capitão arabe, Mahomet, que falla o portuguez, que agradecesse em nome dos passageiros portuguezes, a sua alteza, a attenção que tivera comnosco, e dirigimo-nos para um hotel francez recentemente aberto, no intuito de almoçar e passar as horas de maior calor. Sahimos da praça e voltando á direita pelo *boulevard* marginal deparámos á esquerda com a formosa bahia repleta de navios e á direita com o harem do sultão, vasto edificio com dois andares mas sem cousa alguma de notavel, nem em architectura, nem em decorações. Ao ver esse grande edificio julgamos ter na nossa frente uns grandes armazens de madeiras; por baixo das primeiras janellas e logo ao voltar da praça ha umas cinco ou seis jaulas onde existem dois leões, alguns tigres e pantheras, e n'um pequeno jardim, ao lado das jaulas vêem-se algumas zebras.

Continuando pelo *boulevard* chegámos ao hotel de France onde nos fômos alojar. O hotel estava ainda

por acabar. Disse-nos o seu proprietario que o *Java* lhe trazia mobilia e louças e que o desculpassemos se o serviço não fosse tão bom como elle desejava, mas que em pouco tempo o hotel havia de ser um dos melhores se não o melhor de toda a costa. Apezar das prevenções do propriėtario o serviço não foi tão mau como se annunciava.

A's quatro horas da tarde sahimos a visitar a cidade.

As ruas de Zanzibar são em geral estreitissimas. Em algumas d'ellas ha boas lojas, sendo na sua maioria pertencentes a filhos de Gôa. A colonia portugueza em Zanzibar, composta de canarins, é grande. Cirurgiões, alfayates, pharmaceuticos, droguistas, sapateiros, etc., são todos portuguezes. Ha em Zanzibar um cirurgião da escola de Gôa, muito querido dos habitantes, não só pelas suas excellentes qualidades mas igualmente pela sua pericia nas operações e conhecimentos medícos; é o facultativo do sultão.

Fallando com alguns portuguezes, queixavam-se elles, e com justa razão, que o governo deixasse Zanzibar onde ha uma tão numerosa população portugueza, sem um consul que attendesse ás suas reclamações, sendo o consul inglez o encarregado d'essa missão. Iam sollicitar do nosso governo a nomeação de um consul para aquella ilha e promovia-

se um abaixo assignado para que o cirurgião a que nos referimos fosse o escolhido para esse cargo. O governo attendeu em parte o pedido, porque segundo nos consta, foi ou vae ser nomeado consul portuguez, o capitão de fragata, sr. Gregorio José Ribeiro, que estava commandando a estação naval de Moçambique.[1]

Depois de percorrer as principaes ruas e ter visitado os melhores estabelecimentos de canarins e parses, fomos vêr o mercado, que é uma pequena praça de fórma triangular, onde uma multidão de arabes offerece aos transeuntes os fructos d'aquella região. Bananas, ananazes, mangas, tangerinas, papaias, taes são os fructos que o europeu pode comprar. As tangerinas são realmente de um tamanho e de um gosto tão delicado que a reputação que ellas gozam é justamente merecida, podendo affiançar-se que são as melhores do mundo. Procurámos no bairro indigena alguns productos da industria nacional e apenas encontrámos á venda esteiras de differentes feitios, algumas armas, cigarreiras e charuteiras de palha, ventarolas e alguns objectos de

---

[1] Depois de escriptas estas cartas, foi effectivamente nomeado para consul de Portugal em Zanzibar, o sr. Gregorio José Ribeiro, capitão de fragata. Não chegou a tomar posse do logar em consequencia de ter fallecido, sendo nomeado para este cargo o sr. major Serpa Pinto.

ouro e prata, de grosseiro trabalho. De tudo que apresentam á venda o que mais valor tem são uns pequenos punhaes em fórma de cachimbo, com incrustações de prata, pelos quaes pedem 12 e 14 libras, e na mesma proporção pedem pelas espadas curvas que teem os mesmos ornatos que os punhaes. Os machados e zagaias que teem á venda são já falsificados, isto é, feitos em França e enviados para Zanzibar, que os vende aos extrangeiros amadores de curiosidades como productos indigenas.

Em alguns estabelecimentos de parses encontram-se verdadeiras preciosidades. Objectos de marfim, charão, filigrana de prata e ouro, que a China produz, tudo se encontra n'estes estabelecimentos e bem assim se encontram riquissimas mobilias da India.

O commercio em Zanzibar está n'um grau de prosperidade tal, que é d'espantar quando se compara com o commercio da nossa provincia de Moçambique.

No sultão ha duas individualidades—o soberano e o negociante. Visto sob qualquer d'estes aspectos reconhece-se o effeito que a politica ingleza tem exercido n'elle. Como soberano absoluto é dos menos despoticos, como musulmano é crente sem ser *fanatico*, como negociante parece ter nascido em

Manchester ou Liverpool. Como soberano, não tem ministros, não tem parlamentos, não tem tribunaes, a sua vontade suppre todos esses poderes, á excepção do poder, chamado Inglaterra, sob o protectorado da qual Zanzibar se desenvolve e progride até que um dia a protectora absorva a protegida. Como negociante, é das firmas mais respeitadas na ilha. Possue uma fabrica de gêlo que lhe dá magnificos interesses, por isso que os demais negociantes, europeus ou asiaticos, por uma attenção bem explicavel, fornecem-se todos da fabrica do seu real collega. Corre como certo que sua alteza tem alguns estabelecimentos na cidade de sociedade com um canarim—e ultimamente, vendo que o commercio attingira uma proporção tal, que não valia a pena estar a pagar fretes nos vapores da companhia British India, comprou dois vapores da companhia Union, e mandou fazer mais dois para estabelecer uma carreira mensal entre Zanzibar e os portos da India.[1]

---

[1] Actualmente possue o sultão seis vapores: *Malaca, Avoca, Akola, Merka, Nyanza e Swordsman.*

As tripulações d'estes navios são compostas de arabes e indios.

Os commandantes são allemães á excepção do do *Merka*, que é arabe.

O melhor vapor d'estes seis é o *Nyanza*, que pertenceu á companhia Union, da carreira do Cabo, que tem a força de 500 cavallos e perto de 2:000 tonelladas. É n'este vapor que sua alteza

O rendimento da alfandega é todo para o bolsinho de sua alteza. É verdade que tambem um certo numero de despezas que pertenceriam á camara municipal, se a houvesse, é feita por elle. A illuminação da cidade é paga pelo sultão.

O palacio é durante certas horas do dia convertido em escriptorio commercial onde o negociante indigena ou estrangeiro vae tratar com o seu real collega dos negocios a realisar. Não é raro ver gente a entrar e a sahir do palacio, parecendo este mais uma importante agencia de commercio, do que um palacio real.

---

tenciona ir a Djeddah afim de visitar, como bom musulmano, a cidade santa — Meca.

Com respeito á marinha de guerra, pode afoitamente dizer-se que se compõe de uma corveta, duas canhoneiras e um yacht, todos a vapor.

O melhor d'estes barcos é a corveta *Glascow*, que melhor se pode denominar transporte. O seu armamento compõe-se de duas metralhadoras uma Gatling e outra Nordenfeldt, e de doze peças de differentes calibres.

As canhoneiras servem, segundo parece, para transporte de tropas para o continente, especialmente para Pemba e Mombaça onde os destacamentos são rendidos com notavel pontualidade.

Os vapores mercantes são destinados ás seguintes carreiras:

*Nyanza* faz carreira regular entre Bombaim e Zanzibar.

*Swordsman*, entre Calcuttá, Ponta de Galles e Zanzibar.

*Merka* e *Malaca*, carreira entre Zanzibar e Bombaim.

*Avoca*, carreira entre Aden e Zanzibar.

*Akola* não tem carreira designada, mas destina-se aos differentes serviços da sua alteza, tendo já visitado — Mascate, Bombaim, as Comoros, Madagascar, Aden e outros pontos.

O sultão diz-se descendente dos califas de Cordova e affirma que os seus antepassados reinaram na peninsula iberica.

Proximo ao palacio fica o harem, que está ligado a este por uma tosca ponte de madeira coberta que faz lembrar a *ponte dos suspiros* de Veneza, embora esta communicação não tenha as recordações lugubres da afamada ponte veneziana por onde desappareceram os cadaveres de tantos nobres patricios.

O harem, como todos os serralhos orientaes, é vedado aos estranhos, e os proprios indigenas não se atrevem a olhar para as suas janellas, em consequencia dos castigos que se applicaram a alguns mais ousados que tiveram a audacia de olhar para as favoritas do sultão.

O que se dá com os indigenas não aterrorisa os europeus que olham com o maior descaramento para esse edificio, onde julgam encerradas verdadeiras bellezas.

De bordo do vapor e com o auxilio dos magnificos oculos que em geral possuem os officiaes de marinha, conseguimos devassar alguns aposentos do harem de Zanzibar. O que podémos vêr não annuncia as riquezas que se phantasiam n'esses palacios de devassidão e luxuria orientaes.—Umas camas de ferro com umas cobertas de ramagem, uma

mobilia modesta de mais, as paredes simplesmente caiadas, tal é o aspecto dos quartos do serralho visto por um oculo.—Com respeito ás sultanas apenas vimos duas que chegaram ás janellas quando a nossa curiosidade se exercia por este modo e em contravenção dos desejos de sua alteza.

Não nos pareceram extraordinariamente bellas, muito pelo contrario as suas physionomias bastante escuras indicam-nos que a Europa lhes não deu o ser, mas sim a Asia ou mesmo a Africa.

Se as duas reclusas do harem não nos pareceram formosas, algumas haverão dignas do amòr não só do principe africano, mas mesmo d'europeus, e a prova d'isso está no audacioso rapto realisado por um mancebo allemão empregado no commercio, que conseguiu levar do serralho uma das irmãs do sultão, refugiando-se a bordo de um navio que levou os modernos Abeillard e Heloise para alguma terra do vasto imperio germanico, onde a descendente dos califas de Cordova se considera mais feliz na sua pequena casa nas margens do Rheno, do que no palacio de seu real irmão em Zanzibar.

O sultão procurou por todos os meios ao seu alcance fazer que a fugitiva voltasse novamente para os seus estados, mas nem ameaças nem supplicas demoveram a princeza africana, que hoje é uma formosa burgueza allemã.

No dia immediato quando voltámos a terra procurámos os nossos companheiros de viagem, os missionarios que na vespera se tinham despedido de nós, e effectivamente encontrámos o abbade Guillaud que nos indicou a casa onde estavam alojados os demais padres.

A nossa chegada a casa dos missionarios foi saudada com exclamações de jubilo. Era n'esta casa que iam proceder aos arranjos da caravana que os havia de levar ao Tanganika.

O abbade Guillaud, incumbido dos carregadores e escolta, passava o dia por fóra, fallando com os indigenas seus conhecidos e passando palavra a uns e outros para se reunirem no dia destinado para a partida. Emquanto Guillaud se occupava d'esta tarefa, os sete missionarios trabalhavam em casa no acondicionamento das bagagens, cujo pezo não deve exceder quatro kilos para cada carregador.

Este trabalho não levava menos de um mez, por isso que os numerosos volumes que os missionarios levavam na vapor tinham de ser reduzidos a pequenas cargas. Só em caixas de bolaxas de embarque havia um extraordinario numero que teve de ser dividido em uma infinidade de pequenos volumes.

Dissémos adeus aos nossos excellentes companheiros e sahimos, fazendo votos para que fossem

felizes na vida de sacrificios e abnegação a que se votaram. D'alli fomos ver o parque d'artilheria, em que se vêem sessenta e duas bocas de fogo de differentes calibres, sendo a maior parte de ferro e d'alma lisa. Em Melinde existem vinte e uma, prefazendo um total de oitenta e tres bocas de fogo. Ha entretanto no parque de Zanzibar duas magnificas peças americanas de sitio, de aço com dez estrias e de carregamento pela culatra, e quatro peças inglezas modernas, tambem muito boas. O resto são peças velhas, sem prestimo algum e que raras vezes servem. Apezar d'isso estão cuidadosamente tratadas e provam o cuidado dos officiaes persas. Ao passar uma rapida vista d'olhos por aquelles canhões fui surprehendido ao ver as armas portuguezas em oito bocas de fogo. Reliquias venerandas de epocas gloriosas jaziam no chão, abandonadas, aquellas armas que a tão formidaveis proezas assistiram e cuja voz sinistra fez tremer as hostes dos régulos africanos, e mostraram bem o quanto valia esse pequeno paiz do occidente da Europa, chamado Portugal. Procurando decifrar o que n'ellas ainda havia, podémos colher estes dados:

1.ª peça tem este distico

D. JOÃO COUTINHO
CONDE DO REDONDO
VISO REI. A. 1618

Tem as armas portuguezas, corôa aberta, esphera armillar por baixo.

2.ª peça, tem gravado um centauro, armas portuguezas com dois anjos, corôa aberta, e legenda com lettra floreada: *Guardai-vos bem.*

3.ª peça, o seguinte distico

D. IERONIMO<br>
D' ASEVEDO VI<br>
SO REI — 614

4.ª peça—Armas portuguezas, corôa aberta com dois anjos, esphera armillar por baixo, leão segurando a bandeira portugueza; A floreado, não tem golfinhos, mas duas argolas no terço de diante e duas no terço de traz.

5.ª peça—Armas portuguezas, corôa aberta, esphera armillar por baixo: G floreado.

6.ª peça—Armas portuguezas, corôa aberta, esphera armillar por baixo, Hercules como emblema.

7.ª peça—Armas portuguezas, corôa aberta, esphera armillar por baixo.

8.ª peça—Armas portuguezas. Cruz n'uma roda dentada e por baixo a legenda

DACIDAD<br>
EDEGOAF<br>
ESENOAN<br>
ODE—1623

Existem tambem duas peças hespanholas do tempo em que a Sicilia fazia parte d'esta nação.

Ha pobreza n'este parque, entretanto é de crer que o sultão, a quem não falta boa vontade, intelligencia e meios, hade em breve elevar a artilheria ao nivel do seu exercito de linha.

Um individuo, em mangas de camisa e descalço, que me acompanhou na visita que fiz ao parque, veiu até á porta fazendo-me as honras da casa. Eu ia retribuir esta amabilidade dando uma rupia, quando o meu companheiro de viagem, dr. Almeida da Cunha, percebendo-me a intenção me preveniu que o meu *ciceroni* apezar do desalinho do vestuario era um dos officiaes persas da guarda real. Evitou assim o escandalo de dar uma gorjeta a um camarada meu e talvez meu superior na hierarchia militar.

O sultão, na sua visita á Europa, viu e estudou o que eram exercitos, e de volta ao seu formoso paiz tratou de applicar os resultados das suas investigações. Homem ainda novo, robusto, de uma actividade pouco vulgar nos orientaes, hade illustrar o seu reinado e deixar á posteridade um nome tão bemquisto, quanto sympathico elle já o é para naturaes e extrangeiros.

Depois d'escriptas estas cartas e quando tratava *agora* de as coordenar com o fim de verem a luz da

publicidade, encontrei a descripção da recepção feita pelo sultão de Zanzibar ao delegado do governo portuguez, escripta por um distincto official de marinha nos *Annaes do Club Militar Naval*, e que transcrevemos aqui, para tornar mais completa a noticia d'este estado africano tão pouco conhecido na Europa.

«No dia 31 de maio d'este anno (1883) entrava no porto de Zanzibar a corveta *Mindello*; fluctuava a bandeira nacional no tope grande, distinctivo do seu commandante, nomeado ministro plenipotenciario de sua magestade junto do sultão, a fim de ractificar o tractado de commercio que o ex-governador de Moçambique, o conselheiro José (aliás Francisco) Maria da Cunha negociara em 1879; ao fundear a corveta salvou com vinte e um tiros, sendo a salva agradecida pela corveta *Glascow* da marinha de guerra do sultão.

Vamos agora descrever ao correr da penna o que vimos e que porventura poderá merecer algum interesse aos leitores d'estes annaes.

Zanzibar é um paiz curioso a muitos respeitos, um tanto ridiculo, um tanto phantastico, com uma feição toda sua, bem differente do resto da Africa.

O mouro Bukheit, capitão de fragata (sic) da marinha de Zanzibar, capitão do porto e piloto da barra ao mesmo tempo, dispensou-se de vir prestar os seus bons serviços no momento da nossa chegada; mas

não tardou que apparecesse, no desempenho de um outro mister, senão tão honroso, certamente mais lucrativo, vendendo magnificas laranjas e tangerinas aos nossos marinheiros, e assegurando-nos, com um bom sorriso de cortezão, que sua alteza o principe Bargash ia passando sem novidade..... um capitão de fragata muito despido d'etiquetas (e de uniformes, notaremos de passagem) é forçoso confessal-o.

No dia seguinte, 1 de junho, largou de bordo da corveta um dos seus escaleres. O ex.mo commandante Gregorio José Ribeiro acompanhado do secretario da missão diplomatica, o dr. Almeida e Cunha, e do estado maior da *Mindello*, ia cumprimentar o sultão de Zanzibar e apresentar-lhe as suas credenciaes; a *Mindello* deu a salva devida, quinze tiros, sendo acompanhada pela *Glascow*. Diremos de passagem: Sua alteza o principe Bargash tem um decidido pendor por todas as honrarias ruidosas, e, assim como difficilmente dispensa as honras que lhe são devidas, tambem não as regateia aos outros, principalmente quando a occasião se proporciona de mostrar ao *mundo*, que não falta polvora nos seus paioes.

Um verdadeiro acontecimento em terra: guarda de persas apresentando armas, guerreiros extravagantes fazendo alas; centenas de ociosos, negros, arabes, indianos, acotovellando-se para nos darem passagem; até as pobres odaliscas, debruçando-se

dos esguios balcões do harem, deslumbravam os nossos olhos curiosos, com o reflexo das joias e lentejoulas dos seus vestidos de seda.

Não nos detenhamos com as minuciosidades d'esta primeira recepção; reservamo-nos para descrevermos uma outra mais digna da attenção dos leitores. Diremos apenas que sua alteza foi muito amavel para comnosco, informando-se da nossa recente viagem, do estado actual de Moçambique, etc., tendo primeiramente perguntado muito pelo nosso soberano. Dizendo-lhe o commandante que de certo seria agradavel a el-rei o senhor D. Luiz, o tornar a vel-o em Lisboa, respondeu sorrindo:—«Duas pessoas amigas visitam-se mutuamente; seria agora a vez de vir aqui o rei de Portugal.....»

Não nos escape esta circumstancia curiosa: iamos já a embarcar no nosso escaler, quando vimos na varanda do palacio um grande numero de dignitarios, o sultão á sua frente, gesticulando com modos desabridos; a um aceno de sua alteza, quatro d'aquelles senhores ergueram uma especie de longas chibatas, deitaram por terra dois individuos, e deram-lhe pancadas até que o sultão fez com a mão o signal de suspender, sendo em seguida ambos expulsos do palacio a empurrões. Indagando nós a causa, foi-nos dito, que aquella punição tinha sido inflingida aos dois, que pertenciam á guarnição da corveta *Glas-*

*cow*, e eram praças graduadas do navio, por se ter içado a bandeira portugueza um pouco antes de romper a salva.

Talvez o sultão quizesse mostrar por aquelle meio, a importancia que lhe mereciamos, e ao mesmo tempo dar-nos uma prova da sua soberania, e rija tempera; achámos aquelle processo simples e eloquente, mas démo-nos por feliz de não pertencermos a tal marinha.

Foram proseguindo as negociações diplomaticas; e finalmente foi indicado o dia 18 de junho para fazer-se a troca solemne das copias do tratado: ás nove horas da manhã, o chefe da missão e commandante da corveta *Mindello*, acompanhado do seu secretario, dos seus officiaes e de alguns dos principaes representantes da colonia portugueza em Zanzibar, dirigia-se ao palacio do sultão. Muita animação nas ruas; a infanteria, na força de uns quinhentos homens, commandados pelo capitão Matthew, official licenciado da marinha ingleza, formava em continencia; muitos grupos de tropas irregulares, correndo e dansando, entoavam os seus canticos guerreiros.

Introduzidos no palacio e tendo subido uma modesta escadinha em caracol, fomos recebidos pelo proprio principe Bargash, que nos apertou affavel e fortemente as mãos, e nos conduziu á sua sala. A physionomia do sultão é nobre e sympathica; palli-

do e melancolico o rosto, emmoldurado por uma bella barba castanha. Usa o costume arabe: longa camisa branca, por cima ampla veste negra orlada de ouro, rico punhal á cinta, vistoso sabre, turbante na cabeça, sandalias nos pés nus. A sala é curiosa: pouco larga, mais um corredor do que uma sala, atapetada com uma rica alcatifa da Persia; muitos espelhos, muitos lustres, dois grandes retratos do sultão ao fundo; n'uma especie de prateleiras aos lados, a par de ricas curiosidades da India e da China, — relogios, chronometros, dois aneroydes, photographias, variadas caixinhas, mil productos da industria barata da Europa; no ar que se respira, um perfume fortissimo de sandalo e de rosas... eis o que é a sala do sultão. Sentou-se n'uma grande poltrona dourada: ao seu lado direito, n'uma fila de cadeiras, uns vinte arabes, grandes dignitarios e parentes do sultão; nós, ao seu lado esquerdo, n'uma outra fila; um dos da côrte, mouro nascido em Moçambique e que falla correntemente o portuguez, aproximou-se para nos servir de interprete, visto que sua alteza só falla o arabe. Primeiro do que tudo, etiqueta obrigada de todas as audiencias, foi-nos offerecido café e agua nevada com xarope de rosas. Depois trocaram-se solemnemente as copias do tratado; n'aquelle momento a corveta *Mindello* e todos os navios do sultão embandeiraram em arco,

rompendo as salvas; a banda tocou o hymno de el-rei D. Luiz. Nos topes grandes d'aquelles navios, fluctuando a par a bandeira das quinas e a bandeira vermelha, indicavam a alliança fraternal dos dois paizes, um passo mais para ávante, no caminho dos melhoramentos de Portugal e Zanzibar. Estava cumprida a nossa missão.»

## XI

Moçambique 18 de dezembro de 1880.

Meu amigo:

Ás 7 horas da manhã de 12, o *Java* levantava ferro com destino a Moçambique. Dizia adeus ao ultimo porto estrangeiro em que tocava, e esperava com anciedade que passassem os tres dias que me faltavam para pizar territorio portuguez.

De que tamanho me pareceram estes tres dias, é impossivel de dizer. Reduzidos á colonia portugueza e com quarenta dias de viagem, cada um procurava o meio de poder esquecer as horas que decorriam com uma lentidão extraordinaria.

Não havia distracções possiveis. A' amabilidade do commandante respondiam os passageiros com bocejos e alguns com o silencio.

No dia 15 á uma hora da tarde avistámos terra

á nossa direita, um monte elevado indica a proximidade de Moçambique. Esse monte é conhecido pelo nome de *Mesa*.

Pouco depois vejo um pharol situado na ponta de uma pequena ilha (ilha de Gôa) e começo desde então a ver Moçambique, que sendo extremamente baixa e plana só muito perto se consegue avistar.

Moçambique, que segundo um escriptor (F. M. Bordalo) foi descoberta em 1 de março de 1498, e segundo Sebastião Xavier Botelho, em março de 1497, por Vasco da Gama quando este destemido capitão procurava na costa oriental d'Africa praticos que conduzissem a esquadra á India, está situada em 15° e 1' de latitude sul.

O ponto mais importante da provincia de Moçambique n'aquellas epocas de conquistas e descobertas foi Sofala, que obteve o titulo de capitania de Sofala e conhecida mais tarde pela Ophir de Salomão.

Depois da descoberta da ilha de Moçambique que passou a ser capital da provincia, foram abandonados a pouco e pouco os trabalhos de Sofala, que ainda hoje se admiram nas ruinas da fortaleza.

Sofala foi ainda assim durante muitos annos o emporio do commercio, e se os serviços de Pero Anhaya tiveram como recompensa a morte ingloria e o esquecimento dos governantes d'aquella epoca, a historia consagra-lhe algumas paginas onde se re-

latam os seus importantes feitos, bem como os de Manoel Fernandes, que lhe succedeu na capitania de Sofala.

A historia da implantação do governo portuguez n'aquellas remotas paragens é uma epopêa digna dos heroes que a constituiram, mas essa epopêa é, infelizmente, pouco conhecida e mais ainda poucos avaliam os gigantescos trabalhos praticados por essa raça de gigantes que tão curta duração teve na historia patria.

É preciso visitar as nossas colonias, ver a fortaleza de S. Sebastião em Moçambique e a de S. Miguel em Loanda, para se comprehender e avaliar quanto podiam os portuguezes d'então, que nos galeões lusitanos levavam a cantaria para essas esplendorosas fortalezas, que embora não sejam hoje modelos de fortificação permanente, ainda assim são objecto de admiração para a geração actual.

A primeira fortaleza que teve Moçambique, foi principiada em 1507 e terminada em 1508, sendo capitão de Sofala e Moçambique Vasco Gomes de Abreu. O local onde ella existiu foi mais tarde aproveitado para convento dos frades dominicanos e depois transformado em palacio dos governadores. Ainda hoje é conhecido pelo palacio de S. Domingos.

A fortaleza de S. Sebastião, a mais importante de

toda a provincia, foi principiada em 1558, sendo governador d'esta capitania Sebastião de Sá.

Soffreu esta fortaleza varios cercos dos hollandezes sendo os principaes os de 1607 e 1608, sendo os inimigos sempre repellidos apezar da extraordinaria differença numerica dos sitiantes e defensores.

O que ha de verdadeiramente notavel na historia das nossas antigas conquistas, era o inaudito arrojo com que se deixavam meia duzia de homens n'uma fortaleza encravada n'um terreno inimigo, sempre prompto a revoltar-se.

Como prova d'esta verdade citarei o seguinte facto:

Cercando, como atraz disse, os hollandezes a nossa fortaleza de S. Sebastião em 1608, e sabendo o vice-rei da India o precario estado d'esta praça, mandou D. Nuno Alvares Pereira com duzentos homens d'armas para a soccorrer. Chegando D. Nuno a Moçambique entendeu que bastavam vinte homens de reforço para a praça e partiu para a conquista dos Rios de Sena, o que conseguiu.

A praça resistiu aos hollandezes, que vendo baldados os seus esforços houveram por bem retirar-se.

N'essa epoca parecia que na mente dos conquistadores predominava mais o desejo de opulentar a mãe-patria com as riquezas d'aquellas paragens do que propriamente com a gloria da conquista de terrenos.

Foi assim que bastantes capitães se internaram pelo sertão, em busca das celebres minas de prata de Chicova, de que muito se fallou, mas de que não se encontrou o menor vestigio.

Essa ambição dos capitães e governadores, fez com que percorressem vastissimas zonas de terreno em busca do ouro de Manica.

A Zambezia foi percorrida em toda a sua extensão, o sertão de Sofala foi devassado por esses arrojados aventureiros, e ainda hoje depois de decorridos seculos, se encontram vestigios longinquos da passagem dos portuguezes por pontos de que a geração actual se ufana de explorar.

A sede do ouro fez com que muitos governadores fossem substituidos uns, e outros processados, mas parece que o principal motivo d'esses castigos foi o quererem apoderar-se de tudo para si esquecendo-se da metropole.

Quando as ambições eram limitadas, e que os governadores, contentando-se com uma fortuna regular, mandavam para Lisboa os productos d'aquellas regiões, eram tidos em bom conceito.

Uma phrase de Tristão da Cunha a seu filho Nuno da Cunha, governador da India no tempo de D. João III, mostra claramente o conceito em que se tinham os meritos dos governadores do ultramar.

As queixas contra Nuno da Cunha chegaram aos

ouvidos do rei, e o pae para dissipar uma tempestade que ameaçava o filho, escrevia-lhe uma carta na qual entre outros conselhos lhe dava o seguinte: —*Cà dizem mal de ti a El-Rei; mas faze justiça, manda pimenta, e deita-te a dormir.*

Moçambique possue o palacio do governador que como já disse foi em principio fortaleza e depois convento de S. Domingos; a fortaleza de S. Sebastião, de construcção antiga, e dos edificios modernos, o hospital é inquestionavelmente o primeiro, e o mais grandioso edificio que legaremos aos nossos successores, como prova evidente de que o nosso seculo não foi extranho tambem ao desenvolvimento e progresso d'aquella colonia.

Outros edificios de menor importancia possue Moçambique, taes como Junta da Fazenda, Escola d'officios, Mercado, Arsenal, etc., que se devem á commissão d'obras publicas enviada pelo governo, em 1877, sob a direcção de um dos nossos mais intelligentes, estudiosos e trabalhadores officiaes d'engenheiros, o sr. major Joaquim José Machado.

Termino esta carta em vesperas da minha partida para Angoche, de cujo districto me occuparei mais detidamente, dando a conhecer ao publico o que elle é em 1881.